

# Revista de Estudos Anglo-Portugueses

Número 10

2001



Fundação para a Ciência e a Tecnologia





---

TÍTULO

Revista de Estudos Anglo-Portugueses  
Número 10 2001  
ISSN: 0871-682X

---

DIRECTOR

Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Leonor Machado de Sousa

SECRETÁRIO

Cláudia Arriegas

COMISSÃO REDACTORIAL

Maria Leonor Machado de Sousa  
Filipe Furtado  
Isabel Lousada

---

DIRECÇÃO E REDACÇÃO

Centro de Estudos Anglo-Portugueses  
da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
da Universidade Nova de Lisboa  
Av. de Berna, 26 - C — 1069-061 Lisboa

---

EDIÇÃO

Tiragem: 500 exemplares  
FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia / FCSH —  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

---

CAPA

Arranjo gráfico de Mário Vaz, a partir do selo existente na  
Ratificação do Tratado de Ricardo II, Rei de Inglaterra  
com D. João I — 1386 — Arq. Nacional Torre do Tombo

---

EXECUÇÃO GRÁFICA

Editorial Minerva  
Rua da Alegria, 30 — 1250-007 Lisboa — Tel. 21 322 4950

---

DISTRIBUIÇÃO

Centro de Estudos Anglo-Portugueses

---

Depósito Legal n.º 93441/95

---

# Revista de Estudos Anglo-Portugueses

Número 10

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
Centro de Estudos Anglo-Portugueses  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Lisboa  
2001



## S U M Á R I O

1. Índice Remissivo dos Primeiros Números da *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* ..... 7
2. Dr. José Baptista de Sousa — (Investigador da Biblioteca Nacional)

### **Catão em Plymouth;**

A representação do *Catão* de Almeida Garrett no Theatre Royal de Plymouth, durante a grande emigração política para a Inglaterra de 1828-1832, tem sido assinalada por diversos autores, desde Gomes de Amorim a Vitorino Nemésio, passando por Teófilo Braga, mas sempre como mera curiosidade histórica e biográfica.

Nenhum desses autores teve, contudo, a percepção de que a subida à cena do *Catão* representou mais uma manobra política e diplomática levada a cabo pelas elites liberais portuguesas no exílio — cujo verdadeiro alcance não foi, ainda, devidamente investigado —, do que efémero penache no percurso individual do autor.

A escolha do *Catão* de Almeida Garrett para ser representado no palco do majestoso Theatre Royal de Plymouth, deixa adivinhar uma acção de reflectido charme diplomático destinado a cativar a opinião pública britânica, ainda desfavorável à causa liberal portuguesa, e subentende claro apelo ao auxílio da Grã-Bretanha à causa da Jovem Infanta, também ela proscrita ..... 23

3. Dra. Patricia Anne Odber de Baubeta — (Professora na Universidade de Birmingham)

### **The Sir Henry Thomas Project: Towards a History of Portuguese Literature in English Translation;**

O Projecto Sir Henry Thomas visa investigar as relações literárias entre Portugal e o mundo anglo-saxónico, conferindo especial destaque no papel desempenhado pelas traduções de obras literárias portuguesas para o inglês. Pretende-se elaborar uma *História de Literatura Portuguesa em Tradução Inglesa*, em dois tomos. O primeiro conterà um catálogo completo de obras traduzidas até ao ano 2002, e vários capítulos abrangendo diferentes aspectos das traduções realizadas de textos literários portugueses desde a lírica galaico-portuguesa medieval até à produção literária de Bocage. .... 43

4. Dra. Helen Kelsh — (Assistente Convidada na Universidade de Bristol)  
**Towards A History of Portuguese Literature in English Translation. Volume II: From the nineteenth century to the present day;**  
 O segundo tomo da *História da Literatura Portuguesa em Tradução Inglesa* tratará de determinados autores e obras dos séculos XIX e XX. Será examinada a manipulação dos textos portugueses pelos tradutores e colocar-se-ão questões relativamente aos “porquês” da tradução. Consideram-se de igual interesse os critérios utilizados na selecção de textos traduzíveis, a noção da canonicidade, a visibilidade de tradutores individuais, a função divulgadora da antologia, o problema da censura, e a recepção das obras traduzidas, tendo esta pesquisa por finalidade esclarecer o impacte da literatura portuguesa no sistema literário anglo-americano ..... 67
5. Prof. Doutor Miguel Alarcão e Silva — (Professor Associado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa)  
**“Quatro sonetos de robin”;**  
 O levantamento, a inventariação e análise dos elementos constitutivos da recepção e divulgação de Robin Hood em Portugal permanecem ainda por fazer. Além das aproximações anglo-portuguesas susceptíveis de ser estabelecidas entre o lendário fora-da-lei medieval e a figura comprovadamente histórica de José do Telhado, um projecto centrado em Robin Hood justificaria plenamente abordagens pluridisciplinares ou multidisciplinares que, a montante e a jusante da esfera literária, contemplassem os campos antropológico, sociológico, da mitologia, do imaginário e do discurso políticos. Enquanto este projecto se não materializa, apresentamos, de Miguel Serras Pereira, “Quatro sonetos de robin”, porventura menos conhecido da comunidade científica dedicada aos Estudos Ingleses e Anglo-Portugueses e mesmo do público leitor em geral ..... 83
6. Dr. Paul Melo e Castro — (University of Birmingham, England)  
**Recensão crítica: Lewis Carroll, *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Alice do Outro Lado do Espelho*, Translated by Margarida Vale do Gato, Lisbon: Relógio d'Água, 2000, (320 pages) ..... 89**



SUMÁRIO

ENSAIOS

- Editorial pp. 7-8.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
- Silva, João Paulo Ascenso Pereira da, “John Stevens, Precursor da Lusofilia Romântica”, pp. 9-28.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
Antes de Robert Southey e John Adamson, os primeiros lusófilos ingleses, os laços culturais entre Portugal e a Inglaterra não eram muito estreitos, mesmo com o casamento de Catarina de Bragança com o monarca inglês.  
John Stevens era um militar irlandês, de confissão católica, que se viu obrigado a buscar exílio no nosso país, factos que marcam o carácter das suas descrições de Portugal.  
O objectivo deste ensaio é apresentar de forma geral as traduções de obras portuguesas de Stevens, efectuar uma análise sumária de *The Ancient and Present State of Portugal*, obra dedicada ao nosso país, e provar que a obra deste autor é uma antecipação do trabalho realizado pelos lusófilos românticos, embora permaneça ainda por estudar.
- Ramos, Paulo Oliveira, “Mr. Moura, of Portugal”, pp. 29-36.  
Universidade Aberta  
Este artigo destina-se a recordar o inventor de uma pioneira máquina a vapor. O Dr. Bento de Moura, (1706-1776), caiu no esquecimento apesar do seu feito, e importa agora recordá-lo por ser um marco a assinalar no panorama cultural do nosso século XVIII.
- Martins, Isabel Oliveira, “O Percurso da Primeira História da Literatura Portuguesa”, pp. 37-135.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
Da comparação entre “Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa”, “Esquisse d'une histoire du Portugal” e “Brief Review of the Literary History of Portugal”, suplemento

à segunda edição da obra de William Morgan Kinsey, *Portugal Illustrated*, nasce este artigo. Note-se que, apesar de Almeida Garrett não aparecer como autor do suplemento referido, o estudo das relações anglo-portuguesas veio a revelar que o é de facto, constituindo a primeira resenha significativa da literatura portuguesa.

Em anexo publicou-se o quadro comparativo dos três trechos, pp. 56-133.

### **Recensão Crítica**

Furtado, Filipe, "*Shades of Adamastor: An Anthology of Poetry*, introdução e selecção de Malvern van Wyk Smith, Institute for the Study of English in Africa, Rhodes University, Grahamstown, 1988", pp. 137-143.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

## **Revista de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 2 — 1992**

### SUMÁRIO

#### ENSAIOS

- Projecto: *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocêncio Francisco da Silva
- Sousa, Maria Leonor Machado de, "Apresentação" p. 7-8.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
- "Obras Traduzidas do Inglês", pp. 9-65.
- Ramos, Paulo Oliveira, "John Norton: Um (Outro) Olhar Sobre Novos Tempos e Problemas", pp. 67-78.  
Universidade Aberta  
Na história da indústria e da arqueologia industrial, surgem obras deixadas por alguns viajantes estrangeiros de particular interesse.  
John Norton veio para Portugal em meados do século XIX para dirigir a montagem e encarregar-se da manutenção da máquina a vapor da Casa da Moeda, uma das primeiras em Portugal.

Neste artigo afluamos os três principais assuntos tratados por Norton nos seus textos, contributo para o entendimento do nosso passado industrial, exactamente no momento em que a introdução da energia a vapor se apresenta como o símbolo de uma nova época.

- Sousa, Maria Zulmira Bandarra de, “O Relato de Viagens de Costigan Sobre Portugal”, pp. 79-104.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Em 1787 saiu a público um livro de viagens sobre Portugal assinado por Arthur William Costigan: *Sketches of Society and Manners in Portugal*, obra que viria a influenciar a opinião que se formou sobre o nosso país em Inglaterra.

Os assuntos comentados são, aliás, os mesmos que veremos retratados em todas as outras obras do género.

Este artigo dá conta não só da visão de Portugal transmitida por Costigan, como também da problemática da sua identidade, não esquecendo o contexto histórico vivido pelo autor.

- Alves, Luísa, “Hassan, O Talba — O Mouro de Portugal de Anna Eliza Bray”, pp. 105-116.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

A temática inesiana inspirou esta autora embora nunca tenha visitado o nosso país. Essa temática que aliou à mourisca, evidencia claramente a influência espanhola. Aliás, as incorrecções históricas cometidas por Anna Eliza demonstram um conhecimento maior da literatura e história dos nossos vizinhos do que de Portugal.

Assim, é na nobreza de carácter e, acima de tudo, na faceta melancólica, nos traços místicos e no sentido de devir histórico particularizados em “Hassan”, o Talba, que encontramos uma identificação com o herói romântico português.

## Recensão Crítica

Coelho, Teresa Pinto, “John Pemble, *The Mediterranean Passion. Victorians and Edwardians In the South*, Oxford, Oxford University Press, 1987”, pp. 117-125.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

SUMÁRIO

ENSAIOS

- Projecto: *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocêncio Francisco da Silva.
- Sousa, Maria Leonor Machado de, Apresentação, pp. 7-8. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
- “Obras Traduzidas do Português”, pp. 9-29
- Sousa, Maria Zulmira Bandarra de, “*Portugal: uma barbárie de pitorescas paisagens* (Joseph Oldknow e John Mason Neale, dois ingleses entre nós em meados do século XIX)”, pp. 31-73.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
Em 1854, Portugal recebeu a visita conjunta de dois pastores anglicanos. John Mason Neale tinha sobre si a tarefa de escrever um livro de viagens que servisse de guia aos seus compatriotas. John Oldknow também escreveu uma obra, desta feita livre do espartilho de um formato predefinido, onde, portanto, se permite emitir as suas opiniões (e as do seu companheiro de viagem) sobre o nosso país e o seu povo. Neste artigo faz-se uma análise de ambas as obras e da sua importância para a formação de uma visão negativa de Portugal na opinião pública inglesa.
- Furtado, Filipe, “A Inglaterra de Oliveira Martins”, pp. 75-89. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
*A Inglaterra de Hoje* de Oliveira Martins foi publicada em 1893. É uma obra que ocupa um lugar subalterno na produção textual do autor pelas imprecisões e mesmo injustiças cometidas a cada passo.  
Este artigo faz uma análise não só da obra em si, mas também do contexto em que surge, sendo certo que *A Inglaterra de Hoje* permite conhecer melhor uma etapa crucial na vida de quem a escreveu, muito mais do que as características, realizações ou o passado histórico da Grã-Bretanha.

- Ferreira, Isabel Simões, “Os portugueses na Índia sob o olhar britânico”, pp. 91-109.

Escola Superior de Comunicação Social

Este artigo dá conta de duas visões porventura dissemelhantes dos portugueses em duas obras de autores britânicos: *The Mascarenhas; a Legend of the Portuguese in India*, de Isabella Stewart, e *The Noble Queen*, de Philip Meadows Taylor.

Em todo o caso, o tema central de ambas as obras é a relação entre mundo ocidental *vs* mundo oriental, num contexto de imperialismo, numa época em que os portugueses já não detinham influência expressiva no continente asiático. No entanto, são utilizados pelos dois autores como mediadores da cultura ocidental em geral, e da religião cristã em particular.

### **Recensão Crítica**

Alves, Maria Luísa Fernandez, “Macaulay, Rose, *They went to Portugal too*, Manchester, Carcanet Press Ltd., 1990”, pp. 111-114.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

## **Revista de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 4 — 1995**

### SUMÁRIO

#### ENSAIOS

- Ramos, Iolanda Ramos e Lousada, Isabel, “O Colégio dos Inglesinhos em Lisboa”, pp. 9-44.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

O Colégio dos Ingleses foi construído para funcionar como seminário de ingleses católicos, devendo formar padres seculares que regressariam ao seu país como missionários da fé católica. O objectivo era manter e, se possível, reconverter a Grã-Bretanha ao Catolicismo. Embora cumprindo a função a que se propunha, o Colégio dos Ingleses não se ficou por aí. Ergueu-se durante longos anos como um marco da cultura britânica no nosso país, e a história de três séculos e meio de influências e nas relações anglo-portuguesas ainda hoje não está completa.

- Newcombe, Stephen, "Some thoughts on the English influence on Pombal — Pombal seen through his library", pp.45-55.  
Este artigo é um breve comentário à política de Pombal e suas consequências para Portugal. Através da sua biblioteca, verifica-se que os anos que passou na Inglaterra e o contacto com as obras mais importantes da época influenciaram o seu modo de governar, embora algumas dessas influências sejam também francesas.  
A política de Pombal não sobreviveu à morte de D. José I, infelizmente para Portugal e para a Europa.
- Alves, Hélio Osvaldo, "Francisco Solano Constâncio e a polémica sobre Razão e Religião, nos fins do século XVIII, em Inglaterra", pp. 57-85.  
Universidade do Porto  
O presente artigo tem por tema a análise da obra de Francisco Solano Constâncio *Watson Refuted*, publicado em 1797, seu significado e importância. Tenta também avaliar o papel e interesse das ideias de Constâncio nos primeiros anos do debate sobre a razão e a religião, gerado pela publicação de *The Age of Reason* de Thomas Paine.
- Silva, Miguel Alarcão e, "A obra lusófila de Edward Quillinan (1791-1851)" pp. 87-132.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
Edward Quillinan nasceu no Porto, em 1791, e parte para Inglaterra no ano de 1798, para ser educado na pátria dos pais, tendo voltado a Portugal em diferentes épocas. O presente artigo dá conta do seu percurso biográfico e literário, importante em particular para nós pela divulgação da literatura e cultura portuguesas em Inglaterra, apesar de o autor ter caído praticamente no esquecimento.
- Ferreira, Maria Aline, "Tennyson e Portugal", pp. 81-120.  
Universidade de Aveiro  
A visita de Tennyson a Portugal foi curta, mas marcante. Era fruto de uma antiga ambição e, talvez por isso, revelou-se algo desapontante. No entanto, e apesar das primeiras impressões negativas, a viagem não pode ser classificada como um fracasso, e Tennyson regressa ao país natal cheio de recordações memoráveis.

## Recensão Crítica

Coelho, Teresa Pinto, "A Aliança Luso-Britânica através da Imagem: Um livro e uma Exposição — Alice Berkeley e Susan Lowndes, *English Art in Portugal* e Frederick William Flower, *Um Pioneiro da Fotografia Portuguesa*", pp. 151-156.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

## Revista de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 5 — 1996

### SUMÁRIO

### ENSAIOS

- Projecto *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocêncio Francisco da Silva
- Sousa, Maria Leonor Machado de, "Apresentação", p. 7.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
- "Obras de alguma forma relacionadas com países de língua Inglesa", pp. 9-31.
- Torre, Manuel Gomes da, "Who wrote *A complete Account of the Portuguese Language?*", pp. 33-47.  
Faculdade de Letras do Porto  
Conhecer a história do ensino de língua estrangeira é uma ferramenta importante para aqueles que ensinam uma língua a estrangeiros. Este tipo de pesquisa tem sido quase completamente ignorado no caso de Portugal. *A Complete Account of The Portuguese Language* é uma excepção. Contudo, a sua autoria é ainda desconhecida.  
Este artigo apresenta a investigação já realizada para definir quem escreveu este importante livro.
- Flor, João Almeida, "Romantismo inglês e imaginário hispânico na visão do rei Rodrigo", pp. 49-57.  
Faculdade de Letras de Lisboa  
"No presente trabalho, é nosso propósito abordar um aspecto do relacionamento do romantismo inglês com o imaginário hispânico, através da leitura crítica da lenda do Rei Rodrigo que, na variação dos seus contornos, mas também na perma-

nência do seu potencial mitopoético, constitui matéria em permanente elaboração literária, no espaço cultural europeu, desde a Idade Média aos nossos dias. Neste contexto, o poema *The Vision of Don Roderick* de Walter Scott (1811) surgirá enquadrado de dois modos fundamentais — por um lado, como texto indissolivelmente ligado às circunstâncias e aos antecedentes históricos que determinam e acabam por induzir a peculiaridade da sua recepção na cultura portuguesa; por outro lado, enquanto texto cujo significado poético-simbólico exemplifica o modo como o Romantismo inglês tematiza a história mítica da Hispânia. Violentada pela dominação dos árabes após o colapso da civilização cristiano-visigótica que o próprio Rei Rodrigo personifica.”

- Castanheira, Maria Zulmira, “Robert Southey, o primeiro lusófilo inglês”, pp. 59-120.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

As duas visitas de Robert Southey ao nosso país foram marcadamente diferentes, tanto no espírito como nos olhos do escritor romântico inglês. A sua primeira visita, em 1796, foi forçada, e o autor trazia nos olhos a venda do preconceito, o que influenciaria a má opinião que formou do povo, sociedade e literatura portuguesa. A segunda, em 1800, embora por motivos de saúde, foi aguardada com ansiedade, e foi com saudade que se viu obrigado a abandonar Portugal com o estalar da Guerra Peninsular.

O presente artigo segue o percurso literário de Robert Southey, dando ênfase às duas visões, a primeira negativa, a segunda crescentemente positiva, que o escritor evidenciou ao longo da sua vida, multiplicando-se em esforços por divulgar a nossa literatura e história na Inglaterra.

- Afonso, Maria João da Rocha, “Othello estreia-se no palco português...”, pp. 121-136.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

A obra de Shakespeare foi, até ao século XIX, pouco divulgada no nosso país. A sua recepção pode dividir-se em duas etapas distintas durante a primeira metade do século. A primeira (1762-1798) é constituída por iniciativas algo dispersas, baseadas no original inglês ou em traduções portuguesas deste. Já a segunda (1819-1835) parte essencialmente de um texto de um autor francês, Jean-François



Ducis. Assim, *Othello* foi amplamente divulgado e acolhido no nosso país através da versão muito *suis generis* de Ducis, que muito se afasta do original.

### **Recensão Crítica**

Castel-Branco, Maria da Conceição Emiliano, “Manuel Andrade e Sousa, *Dona Catarina Infanta de Portugal Rainha de Inglaterra*, Lisboa, Edições Inapa, com o patrocínio de Marconi Comunicações Globais, 1994”, pp. 137-142.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

## **Revista de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 6 — 1997**

### SUMÁRIO

#### ENSAIOS

- Alarcão, Miguel, “*Dedicated Followers of Fashion*: do toucador de Belinda ao quarto de Carlos”, pp. 7-33.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
O presente artigo visa analisar e eventualmente confrontar duas passagens que, centradas nos espaços domésticos constantes do título, funcionam aparentemente nas obras respectivas (Alexander Pope, *The Rape of the Lock*, 1712 e 1714, e Júlio Dinis, *Uma Família Inglesa*, 1868) como crítica refractada ou mediatizada de perigos ou males sociais e morais efectivamente engendrados ou potencialmente engendráveis por sociedades ou meios marcados pelo crescimento e/ou florescimento económico(s).
- Buescu, Gabriela, “Ossian, um bardo escocês em Portugal”, pp. 35-45.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
Das numerosas e variadas traduções de Alcipe, a que mais directamente nos interessa é *Darthula* de Ossian-Macpherson: “*Darthula*, poema traduzido ou imitado de Ossiano”. O conceito de imitação, que, de certo modo, “desresponsabiliza” a tradutora do dever de estrita fidelidade, explica a transformação da estrutura do texto de prosa para verso. Por outro lado, verifica-se que o tradutor-imitador se submete ao

irracionalismo das línguas, no pressuposto de que não existe réplica para um acto verbal que, noutra língua, corresponda exactamente às especificidades do original: será então uma recriação e parece-nos ser essa a posição de Alcipe.

- Ceia, Carlos, “Nota sobre o conceito literário de *Spleen*”, pp. 47-52.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
Investiga-se neste artigo a origem e evolução do termo inglês *spleen*, desde a sua ocorrência em Shakespeare até à recuperação poética que Baudelaire dele fez. Por esta via, estuda-se também a forma como os poetas decadentistas portugueses, sobretudo António Nobre e José Duro, trataram o tema.
- Coelho, Teresa Pinto, “Jaime Batalha Reis, diplomata na Inglaterra Vitoriana”, pp. 53-69.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
A partir do Espólio de Jaime Batalha Reis da Biblioteca Nacional de Lisboa e de documentação do Ministério dos Negócios Estrangeiros, este artigo estuda brevemente a actividade diplomática de Batalha Reis no consulado de Newcastle, especialmente durante a questão do Ultimatum britânico de 1890.
- Furtado, Filipe, “Portugal em histórias da Inglaterra”, pp. 71-81.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
Procura-se, neste artigo, averiguar que imagens de Portugal, dos portugueses e da sua história são veiculados em cerca de 50 obras, publicadas no Reino Unido sobre diversos aspectos e épocas da história britânica.
- Alves, Luísa, “Um excêntrico encontro anglo-português: Aleister Crowley e Fernando Pessoa”, pp. 83-121.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
Um estudo pormenorizado acerca do relacionamento entre duas personalidades ímpares do século XX. Que motivos teria o poeta português para criar um mistério à volta de uma nota de suicídio deixada pelo mago inglês na Boca do Inferno, em Cascais, e persistir em mantê-lo quando já se sabia que Crowley estava vivo?

## Recensão Crítica

Alves, Luísa, "Perlman, Sar & Matos, Virgínia Costa, *Europe's Best-Kept Secret. An Insider's View of Portugal, Cascais, Azula Lda.*, 1997.". pp. 125-123.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

## Revista de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 7 — 1998

### SUMÁRIO

### ENSAIOS

- Afonso, Maria João da Rocha, "A aventura anglo-lusa do Rei Leir", pp. 9-20.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
Um pouco por toda a Europa encontramos lendas, histórias ou contos populares que, se bem que apresentando variantes, se repetem sem que por vezes seja possível estabelecer a ligação entre eles. Existem também casos em que a lenda passou para a História, tendo sido incorporada na "genealogia" de um ou mais países. É o caso da que agora se apresenta que, tendo sem dúvida tido uma origem antiga e desconhecida, nos aparece quer na cultura inglesa quer na portuguesa, com aspectos e tratamentos diversos mas com inequívocos pontos de contacto.
- Puga, Rogério Miguel, "Shakespeare e os descobrimentos Portugueses", pp. 21-36.  
Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas — variante Estudos Portugueses e Ingleses  
No presente artigo recolhemos, contextualizamos histórica e socialmente e analisamos as referências que William Shakespeare e outros escritores ingleses fizeram aos Descobrimentos Portugueses, nas quais a imaginação se conjuga com o exotismo, descrevendo o encontro do povo português com o Outro. Foram várias as obras literárias e personalidades portuguesas que serviram de fonte e influência para diversas peças do dramaturgo e que, sendo conhecidas, proporcionam ao leitor destas últimas uma visão diferente do processo criativo, do modo como Shakespeare adaptou, reescreveu e interpretou os referidos materiais.

- Silva, João Paulo Ascenso Pereira da, “An episode in the Life of Don Sebastian of Portugal: a fortuna de uma personagem mítica na encruzilhada de duas tradições literárias”, pp. 37-73. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
A redescoberta do periódico inglês *The Lusitanian*, publicado mensalmente no Porto, no século passado (1844-1845), traria a lume a existência de uma narrativa ainda desconhecida, onde se efectua a abordagem literária da figura mítica que foi D. Sebastião. Trata-se de um texto em que nitidamente confluem duas tradições distintas na representação da personagem — a inglesa e a portuguesa —, mas que reflecte, sobretudo, uma notória influência do tipo de tratamento de que foi alvo durante o nosso Romantismo.
- Botelho, Teresa, “Aaron Lopez — Um pioneiro Português na América Colonial”, pp.75-98. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
Este artigo utiliza a correspondência pessoal e comercial de Aaron Lopez, um exilado português que se fixa em Newport, Rhode Island, em 1752, para reconstruir a sua carreira de grande comerciante e armador colonial, a sua eminência social e os seus dilemas políticos no período da Guerra da Independência e da ocupação inglesa da cidade de Newport. Os diários de Ezra Stiles, presidente da Universidade de Yale, amigo de Lopez e observador cuidadoso da vida de Newport, são também utilizados como fontes informações públicas e pessoais sobre a sua vida e carreira.
- Byrne, Teresa Real, “*On the road with Wellington* by August Ludolf Friedrich Shaumann — Um testemunho da vida de campanha das tropas aliadas anglo-portuguesas durante a Guerra Peninsular”, pp. 99-112. Mestranda em Estudos Anglo-Portugueses, colaboradora desta Linha de Accção  
O artigo pretende analisar a aliança anglo-portuguesa durante a Guerra Peninsular, tal como esta é observada por um comissionário alemão, alistado nas tropas de Wellington. O seu diário é, pois, um interessante testemunho da vida de campanha dos soldados portugueses e ingleses quer dos ingleses quer dos portugueses e de Portugal, o diário destaca-se no vastíssimo conjunto de páginas sobre este período da História conjunta luso-britânica.

## Recensões Críticas

Lousada, Isabel e Ramos, Iolanda, "CAMÕES, Luís Vaz de (1997): *The Lusíads*; Translated with an Introduction and Notes by Landeg White. Oxford/New York: Oxford University Press", pp. 113-116.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Abreu, Maria Fernanda de, "Robertson, Ian, *Los curiosos impertinentes. Viajeros ingleses por España desde la accensión de Carlos III hasta 1855*, Traducción de Francisco José Mayans, Madrid, Ediciones del Serbal S.A: y Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Segunda Edición, 1988.", pp. 117-121.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

## Revista de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 8 — 1999

### SUMÁRIO

### ENSAIOS

- Monteiro, George, "Notes on Camões", pp. 7-15.  
Universidade de Brown  
Na esteira das investigações que culminaram no volume *The presence of Camoens*, surge agora maior informação a respeito da divulgação do conhecimento do poeta português nos Estados Unidos a nível que geralmente passa mais despercebido, como em antologias e referências indirectas.
- Afonso, Maria João da Rocha, "Mister Shakespeare, I presume", pp. 17-45.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
A tradução de *Hamlet*, do rei D. Luiz, publicada anonimamente em 1887, dá início a um grande aumento da popularidade dos textos shakespereanos em Portugal. Com ela nasce o desejo de os utilizar — sobretudo nas suas cenas mais familiares ao público — como base ou referente para textos parodísticos que se aproveitam de alguns dos seus elementos para satirizar aspectos vários da sociedade em cujo contexto surgem.

Com duas excepções, os textos agora apresentados datam do último quartel do século XIX.

- Puga, Rogério, “A imagem dos navegadores portugueses na literatura inglesa setecentista: Robinson Crusoe, Captain Singleton e Gulliver na senda das rotas marítimas portuguesas”, pp. 47-79.

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas — Variante Estudos Portugueses e Ingleses. Estagiário no Ramo de Formação Educacional

Entre os primeiros romances ingleses abundam referências aos Descobrimientos Portugueses que, de forma homogénea, moldam a representação e imagem dos navegadores portugueses nos séculos XV-XVI. As obras de Daniel Defoe e Jonathan Swift espelham políticas e conflitos comerciais, bem como estereótipos mútuos de duas nações que, à sua vez, foram potências marítimas mundiais.

- Sousa, Maria Leonor Machado de, “Charles Dickens em Portugal”, pp. 81-120.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Dickens foi um dos mais célebres romancistas britânicos do século XIX. Criador do chamado “romance social ou humanitário”, parte da sua projecção deve-se ao facto de em muitos dos seus romances actuarem crianças como protagonistas, o que rapidamente levou a que fossem considerados literatura juvenil e alargassem o seu público.

Em Portugal, Dickens era já bem conhecido nas últimas décadas do século XIX, e o interesse dos tradutores manteve-se até aos nossos dias, através do livro e do cinema.

- Furtado, Filipe, *Leis fixas e permanentes: H. T. Buckle e a historiografia positivista em Portugal*, pp. 121-137.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Ainda que por um período que em pouco excedeu os anos 60 e 70 do século XIX, H. T. Buckle tornou-se, particularmente com *History of Civilization in England (1857-61)*, o teorizador inglês com maior influência na historiografia positivista britânica e na de outros países.

Para além de apontar e discutir as principais linhas do seu pensamento, o presente artigo procura (com base num opúsculo de Adelino António das Neves e Mello publicado em 1882

e dedicado à divulgação das propostas de Buckle) avaliar o grau de aceitação por este alcançado entre os historiadores positivistas portugueses das últimas décadas do século.

### **Recensão Crítica**

Silva, João Paulo Ascenso Pereira da, "Eric J. Leed, *The mind of the traveller, from Gilgamesh to global tourism*, S. L., Basic Books, A division of Harper Collins Publishers, 1991.", pp. 139-154.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

## **Revista de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 9 — 2000**

### SUMÁRIO

#### ENSAIOS

- Puga, Rogério, "A representação do cavaleiro português no teatro isabelino: 'The Spanish plays' de Thomas Kyd e *The Battle of Alcazar* de George Peele", pp. 7-42.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa — Mestrando  
Quer George Peele, em *The Battle of Alcazar*, quer Thomas Kyd, em "The Spanish plays" atribuem, ao longo das suas peças, e em pleno campo de guerra, características específicas a personagens portuguesas; características essas que levantamos e interpretamos neste estudo, tentando espelhar de que forma a imagem dos cavaleiros portugueses é construída.
- Silva, Jorge Bastos, "Um contexto para a recepção de Shakespeare no Romantismo português: os dados dos periódicos", pp. 43-85.  
Faculdade de Letras do Porto

Concentrando-se em elementos colhidos em cerca de meia centena de periódicos das décadas de 1830 a 1860, o presente estudo procura caracterizar as condições de recepção da obra de Shakespeare no Romantismo português. Verifica-se que o *corpus* do nosso periodismo cultural oitocentista reflecte certo interesse e alguma familiaridade do meio intelectual português com o drama shakesperiano, realizando com este diversas modalidades de intersecção, que passam

pela publicação de excertos traduzidos, ensaios de análise e contextualização, notícias de representações, etc.

- Coelho, Maria Teresa Pinto, “Pátrias Imaginárias: *Viagens na Minha Terra* e *Robinson Crusoe*”, pp. 87-104.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
Este artigo pretende analisar em que medida *Viagens na Minha Terra*, geralmente consideradas como tendo uma dívida para com Sterne em *A Sentimental Journey*, deverão antes ser lidas, num contexto mais vasto da literatura de viagens inglesa do século XVIII, remontando a *Robinson Crusoe* de Defoe, e em que medida, quer Defoe, quer Garrett, se servem da tradição da literatura de viagens por forma a construírem pátrias utópicas servindo objectivos políticos.
- Silva, João Paulo Ascenso Pereira da, “Os periódicos, intermediários ou mediadores culturais e literários: *The Lusitanian* (1844-1845), um caso paradigmático”, pp. 105-138.  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
O presente artigo consiste numa breve apresentação e análise de *The Lusitanian* (Outubro 1844 — Junho 1845), revista literária mensal em língua inglesa, editada e redigida por membros da comunidade britânica do Porto (na sua maioria directamente envolvidos no comércio de vinhos), que se enquadra no panorama mais vasto das publicações periódicas “estrangeiras” surgidas no nosso país ao longo de século XIX. Numa tentativa de identificação dos objectivos subjacentes ao seu lançamento e das suas fontes de influências, seríamos levados a considerar *The Lusitanian* uma publicação genuinamente anglo-portuguesa, de natureza híbrida, fruto da sobreposição de dois modelos jornalísticos distintos — o *monthly magazine* vitoriano e as revistas literárias portuguesas do Romantismo.

### **Recensão Crítica**

Earle, Tom, “Peter Russell, *Prince Henry ‘The Navigator’: A Life*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2000. Xvi + 448 pp., pp. 139-141.

Oxford University



## CATÃO EM PLYMOUTH \*

*José Baptista de Sousa*

Os Velhos, os Meninos, toda a gente  
Tractarão com affecto os Portugueses.  
Estes tambem com elles se portarão  
Com tanto brio, e garbo, que parece  
Formarem todos uma só familia.

(*Descripçam das trez cidades unidas*, anónimo)

O primeiro surto migratório de exilados políticos portugueses para Inglaterra com algum significado numérico, seguiu-se de imediato ao advento monárquico-tradicionalista da *vilafrancada*, em 1823, altura em que uma série de liberais ligados ao *vintismo* abraçou o desterro repartido entre Paris e Londres, entre os quais se destacou o próprio Almeida Garrett, então jovem de 24 anos e o último a colher autorização para regressar a Portugal, quase dois anos depois, já ao abrigo das liberdades outorgadas pela *Carta Constitucional*<sup>1</sup>.

---

\* Artigo elaborado a partir de uma conferência proferida na “Jornada de Estudos Garrettianos” (Universidade de Oxford, 26 Nov. 1999). Trata-se de versão aumentada e melhorada, sujeita ao crivo de nova e mais cuidada, apenas possível graças à consulta de periódicos da época e à informação obtida junto de diversas instituições, bibliotecas e arquivos da Grã-Bretanha, entre as quais destaque: Plymouth Library and Information Services, Plymouth Theatre Royal Ltd., Saltram House (património de The National Trust for Places of Historic Interest or Natural Beauty — Devon Regional Office), Birmingham Public Library e British Library (Newspaper Library), agradecendo, em particular, a Tricia Andrews e M. Huggins pelo acesso ao periódico *Devonport Telegraph & Plymouth Chronicle*; a Paula Oliveira, da Biblioteca Pública Municipal do Porto, pela cedência de uma cópia do jornal *O Portuguez Emigrado* e ao Luís Augusto Costa Dias, pela disponibilidade para o debate.

<sup>1</sup> Luís Augusto Costa Dias, “Introdução”. In: *Almeida Garrett: obra poética — escritos do vintismo (1820-23)*. Lisboa: editorial estampa, imp. 1985, pp. 114-8. O despacho da Intendência da Polícia autorizando Garrett a regressar a Portugal data de 24 de Maio de 1826.

Porém, o mais extenso e prolongado êxodo de emigrados políticos portugueses para as ilhas britânicas — assumindo proporções verdadeiramente bíblicas —, teve lugar em meados de 1828, logo após os primeiros sinais do ‘assalto ao trono’ pelos miguelistas e, sobretudo, na sequência do malogro da *belfastada*. Neste segundo episódio, não foram apenas elementos mais directamente ligados à experiência *vintista* que procuraram protecção sob o estandarte britânico, mas todos aqueles que comungavam de um ideário liberal, quer se tratasse de *cartistas* convictos de primeira hora, de moderados convertidos à experiência *cartista* de 1826, ou à corte de uma primeira nobreza liberal que seguiu os interesses de D. Pedro.

Chegaram ao sul da Inglaterra, aos portos de Falmouth, Portsmouth e Plymouth, vindos da Corunha e do Ferrol, num total que ascendeu a mais de dois milhares de refugiados de todas as classes sociais. Concordam os registos memorialísticos coevos de Joaquim da Silva Maia<sup>2</sup> e Simão da Luz Soriano<sup>3</sup>, que o número total de proscritos foi de 2.386<sup>4</sup>, na sua maioria amontoados em barracões na cidade de Plymouth<sup>5</sup>, designados então oficialmente por ‘Depósito Geral’, onde permaneceram meses a fio e em condições sub-humanas.

Situados na zona portuária, onde tinham até aí servido para o armazenamento de madeiras destinadas às obras de ampliação do quebra-mar, ‘...empreza vastíssima que começou no reinado de Guilherme 3.º e d’então para cá se tem melhorado cada vez mais...’<sup>6</sup>, os barracões careciam de quase tudo, como nos informa Joaquim da Silva Maia:

---

<sup>2</sup> Joaquim José da Silva Maia, *Memórias Historicas, Politicas e Philosophicas da Revolução do Porto em Maio de 1828 e dos Emigrados Portuguezes pela Hespanha, Inglaterra, França e Belgica: Obra Postuma de...*. Rio de Janeiro: Typographia de Laemmert, 1841, p. 155.

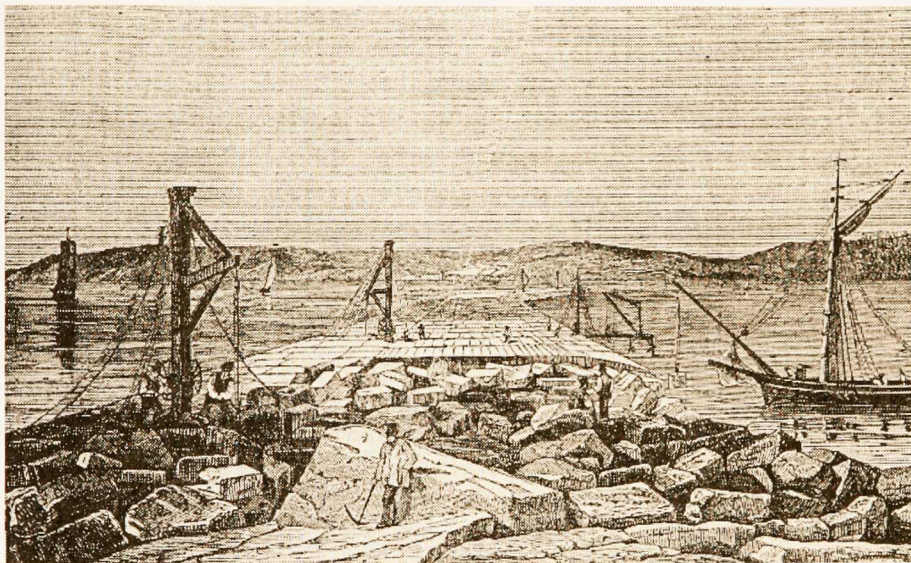
<sup>3</sup> Simão José da Luz Soriano, *Revelações da Minha Vida e Memórias de Alguns Factos, e Homens Meus Contemporaneos* (2 vols.). Lisboa: Typographia Universal, 1860, p. 417.

<sup>4</sup> Segundo José Liberato Freire Carvalho, o número de refugiados reunidos em Plymouth rondava os 4.000 (*Memórias com o titulo de annaes, para a historia do tempo que durou a usurpação de D. Miguel por José Liberato Freire de Carvalho*. Lisboa: Na Imprensa Nevesiana, 1841, vol. 1, p. 103).

<sup>5</sup> Plymouth — ou “Boca do Plym”, rio que forma, juntamente com o Tamar, o enorme estuário em cujas margens se ergue a cidade e um dos maiores portos marítimos da Inglaterra — integrava, no início do século XIX, o complexo urbano conhecido por “The Three Towns”, juntamente com Devon e Stonehouse. Situado no Condado de Devonshire, o conjunto das “três cidades” recenseava, em 1821, 61.212 habitantes, 76.001 em 1831, pelo que, se juntarmos o número de exilados referidos por Maia e Soriano, o número total de residentes em 1828 deveria rondar os 76.000.

<sup>6</sup> “O porto e quebra-mar de Plymouth”. In: *O Panorama*, vol. 3, n. 122 (31 Ago. 1839), p. 274.

...inteiramente desabrigados, sem janellas de vidraça, sem qualidade alguma de bancos, cadeiras, ou camas; deitaram-lhe avulso huma pouca de palha, que renovavão de 15 em 15 dias, e que se tornava um excellente esterco, porque sendo o local dos armazens pantanoso e cheio de lama, os emigrados que não tinham aonde limpar os sapatos, com elles enlamaedos andavão por cima das palhas...<sup>7</sup>



Construção do quebra-mar de Plymouth. In: *O Panorama*. Lisboa. Vol. 3, n. 122 (31 Ago. 1839), p. [273].

Apenas a um número restrito de privilegiados foi dada possibilidade de recorrer aos 'lodgings' e aos hotéis, ou mesmo a viver em Londres, '...sustentados á cavalheira, e muitos delles melhor do que seriam nas suas proprias casas em Portugal'<sup>8</sup>.

Garrett e a mulher, a bonita Luísa Midosi, partiram para o exílio incerto na Inglaterra em princípios de Junho de 1828<sup>9</sup>,

<sup>7</sup> Maia, op. cit., p. 164.

<sup>8</sup> Soriano, op. cit., p. 397.

<sup>9</sup> Foram dois os exílios de Almeida Garrett para a Inglaterra, isto se pusermos de parte, pelo menos mais duas passagens breves pela Grã-Bretanha, uma em 1832-33, e outra em 1833, mas que, não obstante as peripécias que as envolveram — sobretudo a primeira —, difficilmente poderão ser consideradas no capítulo dos exílios. O primeiro, o que mais terá contribuído para a formação literária de Garrett, deu-se entre os meses de Setembro de 1823 e Janeiro de

também via Ferrol, e desembarcaram em Falmouth a 19 desse mês, partindo, logo se seguida, para Londres, onde, durante os primeiros meses, a par da tragédia — essa sim bem real! — vivida pelos emigrados de Plymouth, residiram confortavelmente no número 13 de Oxendon St. Haymarket, graças à assistência do Visconde de Itabaiana. Garrett aproveita o relativo desafogo financeiro para fazer repetidas visitas à Biblioteca do British Museum e, lembra Lia Raitt, às ‘...excellent Portuguese libraries of the well-known bibliophiles Gooden and Richard Heber’<sup>10</sup>.

São deste período alguns dos seus *romances* populares mais famosos, como *Adozinda* e *Bernal-Francez*, matéria da literatura tradicional já anteriormente recolhida<sup>11</sup>, agora inspirada nos *minstrelsies* de Walter Scott, apreciada por alguns lusófilos de renome, mormente John Adamson, Kinsey e Robert Southey. E foi, justamente, no final desse ano de 1828, que o *Catão* de Almeida Garrett foi levado à cena na cidade portuária de Plymouth; passeava-se o autor pelas avenidas da capital britânica, no *fashionável* ‘...West-End de Londres...’<sup>12</sup>, exibindo invejável guarda roupa, cuja venda, já nos finais de 1831, lhe permitiu comprar passagem para França e integrar o exército libertador de D. Pedro.

A peça, dada à estampa pela Impressão Liberal em 1822, foi representada pela ‘...primeira vez, em Lisboa, por uma sociedade de curiosos...’<sup>13</sup>, em 29 de Setembro de 1821, no Teatro do Bairro Alto; no ano seguinte, subia de novo à cena, desta feita em Leiria, também por um grupo amador e, em 1826, era representada na cidade de Santarém.

Também exilada na geral proscrição de 1828, [a tragédia] veio aparecer em Plimute [sic.]...’<sup>14</sup>, informa o próprio Almeida Garrett, tendo sido representada, segundo Carlos Estorninho,

---

1824, e foi passado em Edgbaston, na residência de campo dos Hadley — família burguesa de Birmingham; e o segundo, compreendido entre Junho de 1828 e Dezembro de 1831, foi “marcado pela sua intensíssima actividade política e literária” (Carlos Estorninho, Garrett e a Inglaterra. Lisboa: Faculdade de Letras, 1955).

<sup>10</sup> Lia Noémia Raitt, Garrett and the English Muse. London: Tamesis Books Limited, 1983, p. 9.

<sup>11</sup> Luís Augusto Costa Dias, Os papelinhos de Garrett, Sintra: Câmara Municipal, 1988.

<sup>12</sup> Garrett, Almeida, Helena. Cap. III. In: Obras de Almeida Garrett (2 vols.). Porto: Lello & Irmão — Editores, 1963, vol. 1, p. 408.

<sup>13</sup> Garrett, Almeida [Prefácio à segunda edição de] *Catão*. Londres: 15 de Abril de 1830. In: *Obras de Almeida Garrett*, op. cit., vol. 2, p. 1615.

<sup>14</sup> Ibid.

‘...em três sucessivos espectáculos...’<sup>15</sup>, (24 de Outubro, 1 e 23 de Dezembro de 1828), não obstante os dois testemunhos aqui seguidos, quer as *Memorias* de Joaquim da Silva Maia<sup>16</sup>, quer as *Revelações* de Simão da Luz Soriano<sup>17</sup>, concordarem que o *Catão* subiu à cena quatro vezes.

Os desacertos relativamente às datas da representação da tragédia surgiriam décadas mais tarde: na sua *Historia da Guerra Civil*, Soriano assevera que se realizaram ‘...tres noite[s] de recita’<sup>18</sup>, desdizendo o que havia afirmado vinte e três anos antes. Não deixa de ser desconcertante esta contradição em duas obras de um mesmo autor, sobretudo sabendo que Soriano, à semelhança de Joaquim da Silva Maia, testemunhou o acontecimento. Poderá pensar-se ter havido uma gralha por parte de Maia, visto que as suas *Memórias* antecederam em quase vinte anos as *Revelações* de Luz Soriano, tendo este último reincidido no erro alheio.

Já na edição das suas *Poesias Diversas*, Soriano especificara que a tragédia *Catão* foi ‘...recitada no Real Theatro de Plymouth, em a noite do dia 23 de Dezembro de 1828...’<sup>19</sup>, precisando mais tarde, na *Historia da Guerra Civil*, que essa fora a terceira e última récita do ciclo *Catão*, ‘...tendo a primeira tido lugar na noite de 24 de outubro e a segunda na noite de 1 de dezembro’<sup>20</sup>. Segundo os periódicos da época a que tive acesso, somente este último espectáculo, porventura o mais importante, foi objecto de notícia, referindo o inglês *Devonport Telegraph*: ‘The second representation of the Portuguese amateurs on Monday last was attended by a very brilliant and crowded audience. [...] The tragedy of *Cato* followed’<sup>21</sup>, acrescentando *O Portuguez Emigrado*:

We are authorized to state, that neither general Stubbs, the Commander of the Depos of the Portuguese Emigrants,

---

<sup>15</sup> Baseado em uma enigmática obra (ou artigo) de Peter Davey intitulada *The Chronicles of the county theatres of the South of England* que não pude localizar. Estorninho, op. cit., p. 27.

<sup>16</sup> Maia, op. cit., p. 178.

<sup>17</sup> Soriano, op. cit., p. 418.

<sup>18</sup> Simão José da Luz Soriano, *Historia da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal: comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica deste reino desde 1777 até 1834*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1883, Terceira Epoca, t. III, parte I, p. 214.

<sup>19</sup> Simão José da Luz Soriano, *Poesias Diversas*. Angra: Imprensa do Governo, 1832, p. 4.

<sup>20</sup> Soriano, *Historia da Guerra Civil*, op. cit., p. 214.

<sup>21</sup> “[Representação do *Catão* em Plymouth]”. In: *The Royal Devonport Telegraph & Plymouth Chronicle*. (6 Dec. 1828), p. 3.

nor any of the Portuguese Authorities, communicated to the audience to the Theatre on the 1st Inst. [December] the death of Don Miguel, as was inadvertently stated by the Journal of this town.<sup>22</sup>

Segundo 'Uma recita em Plymouth', artigo publicado em 1874 em o *Almanach Insulano*, a peça teria subido à cena em Janeiro de 1829, '...quando os emigrados portugueses residentes em Plymouth se preparavam a embarcar para esta ilha Terceira...' <sup>23</sup> Teófilo Braga, talvez com base nesta informação, referiu em as *Modernas Ideias* que '...os emigrados portugueses, em 1829, representavam em Plymouth a sua tragédia *Catão*...' <sup>24</sup>, o que levou Vitorino Nemésio, em os *Exilados*, a classificar a afirmação de 'inexacta' <sup>25</sup>.

Porém, já nas *Memorias Biographicas*, Gomes de Amorim acusara o autor dos artigos 'Escavações historicas' e 'Anotações', que faziam referência à representação da tragédia em Inglaterra, de ter cometido sérias 'calinadas':

Fallando da representação do *Catão*, em Plymouth, affirmou ter sido em janeiro de 1829. Garrett, que devia saber d'isso, escreveu 1828. E Simão José da Luz Soriano [...] conta que se deram tres récitas, a primeira a 24 de outubro, a segunda em 1, e a terceira em 23 de dezembro de 1828. É desta que falla o critico, ignorando que tivesse havido outras duas [...]. Foi, pois, em outubro e dezembro de 1828, e não em janeiro de 1829, como erradamente assevera <sup>26</sup>.

Ora, dado que estes artigos foram, segundo Amorim, publicados na imprensa lisboeta no mesmo ano em que se editou o primeiro tomo das *Memorias Biographicas*, (isto é, em 1881), e

---

<sup>22</sup> "[Desmentido à notícia da morte de D. Miguel]". In: *O Portuguez Emigrado: ou o realista constitucional = The Portuguese Emigrant: or constitutional Royalist*. — Plymouth: W. W. Arliss. — N. 10 (9 Dec. 1828), p. 74. O jornal local que o artigo refere, é o *Devenport Telegraph & Plymouth Chronicle*.

<sup>23</sup> "Uma recita em Plymouth". In: *Almanach Insulano para Açores e Madeira: Estatístico, Histórico e Litterario para o Anno de 1874*. Angra do Heroísmo: Typ. da Terceira. — (1874), p. 228.

<sup>24</sup> Teófilo Braga, *As Modernas Ideias da Litteratura Portuguesa* (2 vols.), Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1892, vol. 1, p. 34.

<sup>25</sup> Vitorino Nemésio, *Exilados 1828-1832: História Sentimental e Política do Liberalismo na Emigração*. Lisboa: Livraria Bertrand, [s. d.], pp. 57-8, nota n. 17.

<sup>26</sup> Francisco Gomes de Amorim, *Garrett: Memorias Biographicas* (3 vols.). Lisboa: Imprensa Nacional, 1881-84, vol. 1, pp. 582-3.

dado, ainda, que o artigo ‘Uma recita em Plymouth’ os antecedeu em sete anos, dá ideia que o autor de ‘Escavações históricas’ e ‘Anotações’ foi documentar-se no artigo do *Almanach Insulano*, transmitindo-se, assim, a gafe de autor para autor.

Finalmente, num ofício de Cândido Xavier, director do Depósito Geral de Plymouth, dirigido ao Marquês de Palmela, embaixador de D. Pedro em Londres, com data de 15 de Outubro de 1828 (portanto anterior à data apontada por Davey e Soriano para a primeira representação da tragédia), informa terem tido lugar três noites de espectáculo:

Os voluntarios pedirão-me licença para representarem hum elogio e huma pessa, no Quartel, onde, pela sua industria, arranjárão elles mesmos tudo. Hoje acabarão as tres noutes, e[m] que lhes permitti esse divertimento. Tudo, ate aqui, se tem passado na maior satisfação, e tranquillidade <sup>27</sup>.

Defendi, quer na conferência que proferi no Colóquio ‘De Garrett ao neo-garrettismo’ (Fórum da Maia, 22 e 23 de Maio de 1999) <sup>28</sup>, quer na que apresentei à ‘Jornada de Estudos Garretianos’ (Oxford, 26 de Novembro de 1999) <sup>29</sup>, com base nos elementos de que então dispunha, que as representações do *Catão* em Plymouth tinham ocorrido em 24 de Outubro, 1, 21 e 23 de Dezembro de 1828, o que perfazia um total de quatro espectáculos. Já em posse de novas informações, que, entretanto, fui recolhendo ou que me foram enviadas da Grã-Bretanha, sou levado a tirar conclusões diversas, e que, de algum modo, vêm alterar substancialmente o modelo que venho defendendo nestes últimos anos relativamente ao posicionamento de Almeida Garrett no xadrez político e social da época: adivinha-se já um ‘Garrett Gordo’ — em oposição ao ‘Jovem Garrett’ <sup>30</sup> do *vintismo* ou, mes-

---

<sup>27</sup> Cândido José Xavier, [Ofício N. 23, de 15 de Outubro de 1828, ao Marquês de Palmela]. Ms. A.N.T.T., M.N.E., [Documentos relativos à Legação Portuguesa em Londres] Cx. 164.

<sup>28</sup> “*Catão* em Plymouth: controvérsias da representação da tragédia em Inglaterra (1828)”. In: *De Garrett ao neo-garrettismo. Actas do Colóquio*. Maia: Câmara Municipal da Maia, 1999, pp. 75-90.

<sup>29</sup> “*Catão* em Plymouth”. Disponível em: [http://www.bn.pt/autores/garrett/programa/jornada\\_est\\_garretianos.html](http://www.bn.pt/autores/garrett/programa/jornada_est_garretianos.html) [16 Nov. 2001].

<sup>30</sup> Luís Augusto Costa Dias, “Introdução”. In: *Almeida Garrett: obra política — escritos do vintismo (1820-23)*, op. cit., p. 101: “... o Jovem Garrett, tolhido na esperança que traduzira em empenhamento doutrinário e militante, emerge por entre as costuras dos compromissos, tenuamente, aí onde a revolução parecia não poder defender-se.”

mo, ao Garrett da 'doutrinação da sociedade liberal'<sup>31</sup> — cujo comprometimento ao regime não terá já — e não tem jamais — retorno. Não foi, pois, por acaso que Palmela o nomeia, em 16 de Abril de 1829, adido cultural da Embaixada, cargo que exerceu, pelo menos, até Março de 1831, e que lhe abriu as portas da mais fina Sociedade londrina, nomeadamente da Holland House.

Temos, na realidade, duas séries de representações em Plymouth no Outono de 1828, contudo distintas do ponto de vista dos conteúdos dramáticos, organização, motivação e objetivos políticos.

A primeira, teve lugar no Depósito Geral no período compreendido entre 1 e 14 de Outubro em três noites sucessivas, foi composta por representações dramáticas mais ou menos improvisadas (uma peça, trechos musicais, declamações, etc.), e foi levada a cabo graças ao empenho e boa vontade dos emigrados da 6.<sup>a</sup> classe, isto é, os mais desfavorecidos<sup>32</sup>.

A ideia de produzir estes espectáculos em Plymouth, surge por ocasião da chegada da jovem Infanta D. Maria da Glória a Inglaterra, ao porto de Falmouth, pelas nove horas da manhã do dia 24 de Setembro de 1828<sup>33</sup>. Leia-se em Joaquim da Silva Maia, o entusiasmo dos exilados: 'Apesar da sua falta de meios, abrirão huma subscrição entre si, e alguns amigos; construíram no barracão hum cenário...<sup>34</sup>' Aí representaram a comédia *Elvira*, de João Xavier de Matos, a que se seguiram outras variedades: récitas musicais, declamação de poesias, etc. A experiência gozou de tanto êxito, que foi repetida nos dois dias seguintes, e talvez por isso mesmo, Cândido José Xavier, '...teve a fraqueza, no terceiro dia, de proibir a peça, e fechar o

---

<sup>31</sup> Luís Augusto Costa Dias, "Introdução". In: *Almeida Garrett: obra política — doutrinação da sociedade liberal (1824-27)*. Lisboa: editorial estampa, 1991.

<sup>32</sup> Quando se formou o campo de refugiados políticos portugueses em Plymouth, designado por "Depósito Geral", o Marquês de Palmela estabeleceu um critério para a atribuição de subsídios, que consistiu na divisão dos emigrados em seis classes distintas, de acordo com o seu estatuto social e/ou categoria profissional: 1.<sup>a</sup> oficiais gerais e estado maior; 2.<sup>a</sup> oficiais de primeira linha; 3.<sup>a</sup> oficiais de segunda linha, voluntários e ordenanças; 4.<sup>a</sup> funcionários públicos (magistrados, oficiais de Fazenda, Justiça, etc.); 5.<sup>a</sup> sacerdotes, negociantes, proprietários e outras classes não assalariadas pelo estado; 6.<sup>a</sup> praças de pret de primeira e segunda linhas, voluntários, criados de servir, etc. Os indivíduos das primeiras cinco classes beneficiaram de alojamento em casas particulares ou hospedarias, e somente os da 6.<sup>a</sup> classe, a esmagadora maioria, foram agrupados nos Depósitos de Plymouth.

<sup>33</sup> Cândido José Xavier, [Ordem do Dia N. 28, de 24 de Setembro de 1828]. Ms. A.N.T.T., M.N.E., [Documentos relativos à Legação Portuguesa em Londres] Cx. 161.

<sup>34</sup> Maia, op. cit., p. 176.



theatro...'<sup>35</sup> Esta informação é confirmada pelo próprio Comandante do Depósito, no referido ofício dirigido ao Marquês de Palmela, ao afirmar que: 'Hoje acabarão as tres noutes, e[m] que lhes permitti esse divertimento'<sup>36</sup>.

É que o ânimo dos refugiados portugueses, há meses amontoados em miseráveis barracões à beira-mar, ou simplesmente apinhados em paquetes sem as mínimas condições de higiene, foi subitamente levantado por esta experiência teatral, ou porque esta tivesse enchido '...os emigrados de patrióticos alentos e de compensações clássicas aos vexames do despotismo'<sup>37</sup>, ou, simplesmente, por ter sublimado a dor e o sofrimento de muitos meses de desterro. Talvez por isso mesmo, Cândido Xavier resolveu pôr cobro ao novo entretenimento dos emigrados — ou porque lhe convinha manter certa apatia entre os subalternos, ou por recear algum levantamento motivado pelos ânimos inflamados de milhares de homens, há meses em situação desesperada, e conduzir a manifestações de repúdio pela administração de Palmela, como, aliás, veio a verificar-se. Segundo Silva Maia:

...os Voluntarios ultrapassarão então os limites da moderação; huma multidão de versos epigrammaticos de todas as especies cahirão sobre a administração; C. J. Xavier, o Marquez de Palmella e seus adherentes não eram poupados em taes versos...<sup>38</sup>

Estamos, evidentemente, em presença de uma manifestação lúdica de carácter popular — cuja função psico-social de libertação *catártica* é perceptível —, mas que, a pretexto de assinalar a chegada da jovem infanta Dona Maria à Grã-Bretanha, acabou por degenerar em movimento de protesto e reivindicação por melhores condições de existência.

A segunda série de espectáculos, teve lugar no Theatre Royal de Plymouth em 24 de Outubro, 1 e 23 de Dezembro, e incluiu, para além do *Catão*, um '...elogio dramático allegorico á alliança que existe entre Inglaterra, Portugal e Brasil...' <sup>39</sup>, de João Eduardo, tendo a ela assistido '...very brilliant and crowded audience' <sup>40</sup>.

---

<sup>35</sup> *ibid.*

<sup>36</sup> Cândido José Xavier, Ms. cit. A.N.T.T., M.N.E. [Documentos relativos à Legação Portuguesa em Londres] Cx. 164.

<sup>37</sup> Nemésio, *op. cit.*, p. 57.

<sup>38</sup> Maia, *op. cit.*, p. 177.

<sup>39</sup> Maia, *op. cit.*, p. 178.

<sup>40</sup> [Representação do *Catão* em Plymouth]. In: *The Royal Devonport Telegraph Plymouth Chronicle*. (6 Dec. 1828), p. 3.

Contrariamente à primeira série de representações, trata-se aqui de três espectáculos bem preparados, com recurso a meios económicos de maior fôlego — provavelmente com fundos disponibilizados pelo próprio Marquês de Palmela através do Comandante do Depósito Geral. Contrariando a afirmação de Teófilo Braga, de que a representação do *Catão* serviu aos emigrados ‘...para distrahirem-se...’<sup>41</sup> tratou-se, neste caso, não de ingénua manifestação de carácter popular, mas muito mais de uma reacção de uma elite liberal à provocação e mal estar causados pelas anteriores representações, tendo, por isso, assumido a forma de espectáculos da e para a sociedade.

Não foi, pois, por acaso que a escolha de uma peça para subir ao palco do grande Theatre Royal de Plymouth recaiu sobre o *Catão*. Para além da tragédia ter sido inspirada no *Cato* de Addison, por isso ‘...mais acessível de compreender pelo publico britanico...’<sup>42</sup>, lembra Paulo Midosi (Júnior), ‘...associa-se a uma grande epopeia nacional, e tem por fim recordar as ultimas agonias de uma das republicas da antiguidade mais solidamente constituídas’<sup>43</sup>.

Mas a escolha da tragédia foi sobretudo manobra de reflectido charme diplomático para impressionar a opinião pública britânica, ainda desfavorável à causa liberal portuguesa. Garrett era já sobejamente conhecido nas altas esferas da Sociedade londrina — quer nos meios culturais, quer nos círculos estritamente políticos —, e o *Catão* assumia, naquele contexto sócio-político, metáfora viva dos vetustos laços de amizade entre as duas nações, subentendendo-se, pois, claro apelo ao auxílio da Grã-Bretanha à causa da Jovem Infanta, também ela proscrita, e que tardava em chegar<sup>44</sup>.

O proprietário do Theatre Royal Plymouth, John Parker<sup>45</sup>, ingressou na House of Lords pouco tempo depois de ter concluí-

---

<sup>41</sup> Braga, op. cit., p. 34.

<sup>42</sup> *Almanach Insulano*, op. cit., p. 228.

<sup>43</sup> Paulo Midosi [Júnior], “Os ensaios do *Catão*”. In: *Diario de Noticias* — Lisboa. — A. 14, n. 4551 (11 Out. 1828), p. [1].

<sup>44</sup> Outros motivos, estes menos nobres, têm sido avançados para explicar a escolha do *Catão*: afiança Gomes de Amorim, que é falso que Garrett tenha participado “...da farta distribuição dada aos protegidos, como em Londres espalharam inimigos e invejosos da sua gloria. A acusação provinha do seu parentesco com o secretario do deposito de Plymouth.” (op. cit, vol. 1, p. 452). Não obstante o génio dramaturgico de Garrett ou a inquestionável qualidade dramática do *Catão*, a verdade é que a sua amizade e laços familiares com Paulo Midosi, homem da confiança de Palmela e Cândido Xavier e que exercia, à época, funções de tesoureiro do Depósito Geral, não só não passaram despercebidas aos olhos dos emigrados, como lhe valeram duríssimas criticas.

<sup>45</sup> John Parker (1772-1840), segundo Baron Boringdon e primeiro Earl of Morley, popularmente conhecido por “Borino”, diminutivo de Boringdon (*Saltram*

do a sua formação universitária em Oxford, alinhando inicialmente com a linha 'Tory' e, após a morte de Pitt, com o partido 'Whig'. Apoiou a política de Canning, com quem estabeleceu relações de amizade em Oxford, bem como com Lord Liverpool e Lord Granville <sup>46</sup>. À semelhança do que fez Lord Holland em Londres <sup>47</sup>, Parker parece ter, senão explicitamente apoiado, pelo menos simpatizado com a causa liberal portuguesa; ambos ti-

---

*Guide Book*. Devon: National Trust, 1998, p. 48), cuja família, originária de Warwickshire, viria a estabelecer-se no Condado de Devon no século XVII, passando a sua residência oficial para a Saltram House, "...the largest house in Devonshire" (*The Dictionary of National Biography*. Oxford: Oxford University Press, 1988, vol. XV, p. 249), em Plympton, a curta distância de Plymouth, onde, recentemente, foi rodada a película *Sense and Sensibility* (Hampshire County Council. Saltram House, near Plymouth. *Sense & Sensibility*. Disponível em <http://www.hants.gov.uk/austen/about.html>) [21 Maio 1999]. Merece referência, apenas a título de curiosidade, que este romance, bem como *Pride and Prejudice*, parece ter sido inspirados no ambiente vivido na Saltram House no primeiro quartel do século XIX, conquanto Jane Austen, cujo irmão era o capelão da família, fosse correspondente de Frances Talbot, primeira mulher de John Parker, a quem chegou a ser atribuída a autoria de ambas as obras, inicialmente publicadas anonimamente (*Saltram Guide Book*, op. cit., p. 48).

<sup>46</sup> *Saltram Guide Book*. op. cit., p. 8.

<sup>47</sup> Henry Richard Vassal Fox (1773-1840), terceiro Barão de Foxley e Holland, era filho de Stephen Fox, Barão Holland, sobrinho e discípulo de Charles James Fox, cuja simpatia pelo ideário da Revolução Francesa foi, por várias vezes, manifestado na House of Lords. Henry Fox desposou Elizabeth Vassall Fox, conhecida para a posteridade como Lady Holland, que o acompanhou em muitas das suas viagens pelo Continente e partilhou do seu ideário liberal, nomeadamente através da promoção dos célebres salões que, na primeira metade do século XIX, animaram a Holland House. Lord Holland foi membro dos Governos *Whig* de Grey e Melbourne, na qualidade de Chanceler do Ducado de Lencaster. Quanto à Holland House, construída em 1605, por Sir Walter Cope, teve o seu auge no século XIX graças a Lord e Lady Holland. Foi, com efeito, um círculo social, literário e político frequentado por muitas celebridades, incluindo Byron, Lyndock, Melbourne, Mackintosh e o próprio rei George IV. Mas a lista dos convidados da Holland House não se limitou a ingleses eminentes, estendendo-se, também, a diplomatas e "floating continental exiles" (A. Krigel, "Introduction" to *The Holland House Diaries. The Diary of Henry Richard Vassall Fox, third Lord Holland, with extracts from the diary of Dr. John Allen*. London: Routledge & Kegan Paul, 1977, p. XV). Entre tais diplomatas e proscritos, contam-se alguns portugueses célebres, tais como, Palmela, Funchal, Calhariz, Moraes Sarmento, Abreu e Lima, Itabaiana e, talvez, Garrett. A simpatia do Lord Holland por Portugal, torna-se evidente a partir de 1812, quando este decide baptizar o seu jardim — que se estendia ao salão de baile original — de "Portuguese Garden", mas que acabou por mudar de nome para "Dutch Garden" — embora mantenha, ainda, a esfera armilar ao centro —, na sequência de posterior deterioração nas relações Luso-Britânicas — A admiração de Henry Fox por Portugal, em particular pelos liberais, pode, ainda, ser observada em várias entradas do seu Diário e, uma pequena nota isolada nos "Dinner Books" da Holland House, datada de 12 de Junho de 1834, é bem reveladora da sua simpatia sincera pela causa liberal portuguesa: "Lisbon declared... Donã Maria" [Holland House "Dinner Books" (1831-1838), British Library, Add., MSS. 51955].

nham assento na House of Lords, e ambos se opuseram, tal como Palmerston ou Sir James Mackintosh, à política externa de Wellington, pelo menos no que respeita à 'Questão Portuguesa'. Assim, não é de estranhar que Parker, cuja influência se estendia à própria família real inglesa (note-se que o monarca George III e a rainha Charlotte foram seus hóspedes na Saltram House em 1788 ou 89)<sup>48</sup> tivesse arrendado o seu teatro, que '...à excepção dos dois grandes da capital, é o mais formoso do Reino-Unido...' <sup>49</sup>, a um grupo de exilados políticos portugueses, a fim de aí representarem o seu *Catão*, isto numa época em que a opinião pública britânica não via, ainda, com bons olhos a causa dos liberais portugueses.

Segundo relatos de alguns emigrados portugueses, tratar-se-ia de um teatro de dimensões bastante razoáveis, que dificilmente caberia na Saltram House; tampouco há notícia de ter existido algum teatro no seu interior, podendo, quanto muito, aventar-se a hipótese da representação ter ocorrido no anfiteatro que fica junto ao lago Laira, ou Lary, localizado na propriedade, e que se forma a partir do estuário do rio Plym.

Por outro lado, asseveram os mesmos autores, que o teatro distava, na geografia de então, poucas milhas de Plymouth. Dado que a Saltram House fica actualmente localizada a três milhas da cidade, fui inicialmente tentado a supor que o Theatre Royal deveria ter-lhe sido contíguo, posição, aliás, que defendi, erradamente, na comunicação apresentada há meses na Maia <sup>50</sup>. Com efeito, depois de ter reflectido bastante sobre o assunto, conclui que o meu raciocínio incorrera no 'pecado' — cómodo, sem dúvida — de anacronismo: o teatro ficava, em 1828, localizado a escassas milhas de Plymouth, pelo que, passados quase dois séculos — tendo em linha de conta o facto da cidade ter crescido tanto quanto qualquer outra cidade da Inglaterra —, Plymouth se estendeu muito para além deste.

Trata-se, portanto, do Theatre Royal Plymouth sito em George's Place, projectado no início do século XIX pelo arquitecto John Foulston, Esq., — o antepassado remoto do actual Plymouth

---

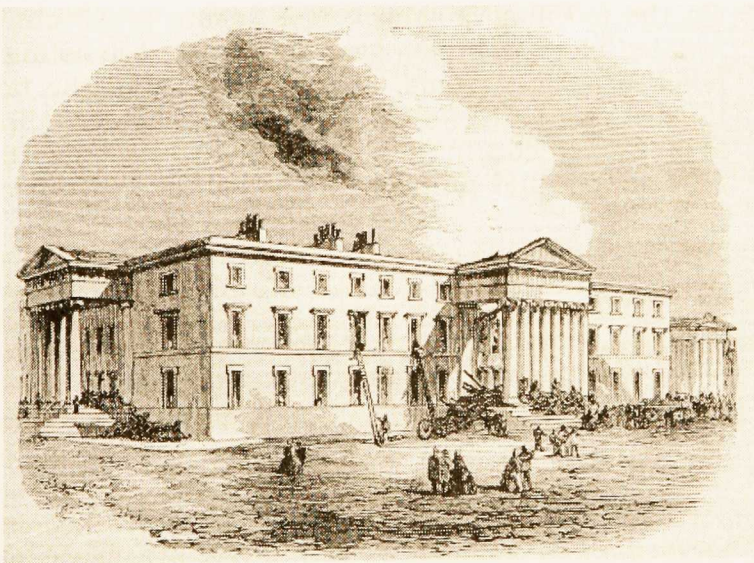
<sup>48</sup> *The Dictionary of National Biography*, op. cit., vol. XV, p. 249. Segundo John Clarke (*The Life and Times of George III*, London: Weidenfeld and Nicolson, 1972), os monarcas britânicos realizaram uma *tour* pelo sul da Inglaterra em 1789.

<sup>49</sup> "O porto e quebra-mar de Plymouth". In: *O Panorama*, vol. 3, n. 122 (31 Ago. 1839), p. 274.

<sup>50</sup> "*Catão* em Plymouth: controvérsias acerca da representação da tragédia em Inglaterra (1828)", op. cit., p. 81.

Theatre Royal Ltd. totalmente remodelado e reaberto em 1983<sup>51</sup> — e que se encontra primorosamente retratado por White, em *1850 History: Gazetteer and Directory of Devonshire*:

The Royal Hotel and Theatre form an extensive and elegant fabric, which was finished in 1813, at the cost of about £60,000 [...]. The north front is 270 feet long, and has in the centre a magnificent portico of the Ionic order, under which are the entrances to the boxes, and to the great hall and staircase of the assembly rooms. The Theatre is spacious and elegant; and the principal supports and framework of the boxes, and all the interior partitions, are of cast iron, and the roof of wrought iron. The *proscenium* is formed by four beautiful marble columns, with gilt bases and capitals, supporting an elegant entablature, from which rises an arch richly empanelled<sup>52</sup>.



Great fire at Plymouth. In: *The Illustrated London News*. London: George C. Leighton. Vol. 42, No. 1184 (17 Jan. 1863), p. 60.

<sup>51</sup> Encontra-se disponível uma fotografia do actual Theatre Royal Plymouth em <http://www.theatreroyal.com/>

<sup>52</sup> Genulky; Uk & Ireland Genealogy. The Borough of Plymouth. From White's *1850 History: Gazetteer and Directory of Devonshire*. Disponível em <http://www.cs.ncl.ac.uk/people/brian.randell/home.informal/Genealogy/genulky/DEV/Plymouth/Plymouth1850.html> [26 Out. 1999].

Infelizmente, os contactos que estabeleci, quer com o actual Theatre Royal, quer com a Plymouth Local Studies Library, na expectativa de obter informações mais precisas sobre o Teatro original, revelaram-se infrutíferos. As duas instituições informaram não dispor de registos da época, tendo a última, inclusivamente, acrescentado:

We do not have any Plymouth Newspapers dating back to 1828, and our collection of posters and playbills also starts from a much later date. There is no published history of the theatre either, so it appears that no records have survived from this period.

Esta escassez de informações e documentação coeva, parece ter-se ficado a dever ao incêndio que destruiu parcialmente Hotel e Theatre Royal em 6 de Janeiro de 1863, conforme notícia publicada no periódico *The Illustrated London News*:

On the morning of the 6<sup>th</sup> inst., a fire broke out in an isolated block of buildings at Plymouth, consisting of an hotel, assembly-rooms, and a theatre. [...] the body of theatre was found to be but little damaged by fire, the loss being confined to the vestibule, staircases, refreshment and property rooms<sup>53</sup>.

Quanto à representação propriamente dita, conhecem-se apenas algumas descrições avulsas e sumaríssimas, sendo a mais completa — e porventura mais fiável — a que se pode ler no já referido artigo publicado no periódico *Devonport Telegraph*:

The second representation of the Portuguese amateurs on Monday last was attended by a very brilliant and crowded audience. General Stubbs was present on this occasion, and on his entrance was loudly cheered. The performances commenced with a very excellently-written piece, referring to the present circumstances of the Constitutionalists, the principal character being most ably sustained its author, Joao Edouardo, who was greeted throughout with warm applause. In the last scene the portrait of Don Pedro was exhibited when the

---

<sup>53</sup> "Great fire at Plymouth". In: *The Illustrated London News*. London: George C. Leighton. Vol. 42, No. 1184 (17 Jan. 1863), p. 60.

Constitutional Hymn was sung with great enthusiasm, the audience joining in the chorus. The tragedy of *Cato* followed. During the interval between the eulogy and tragedy, a report was circulated intimating the death of the usurper Miguel. The scene which ensued no pen (however happy in descriptive powers) can pourtray. The audience spontaneously rose, and with a burst of enthusiastic applause accompanied by vivas, waving of handkerchiefs, and mutual congratulations, testified their joy at the event, and their disapprobation of the despotic tyrant's measures. The Constitutional Hymn was called for, and again sung with rapturous applause; and the evening's performances concluded with the national anthem of God save the King! <sup>54</sup>

Há, ainda, uma passagem do já citado artigo do *Almanach Insulano*, que descreve o ambiente vivido durante a representação do *Catão*, mas que pelas razões já aduzidas e outras que referirei adiante, não merece grande confiança:

...o desempenho da recita foi primoroso. As palmas e bravos ressoavam na sala, mostrando as pessoas que assistiam ao espectáculo querer fazer sobressahir, como á perfia, o entusiasmo e prazer com que exaltavam e applaudiam o talento dramático dos curiosos actores... <sup>55</sup>

Relativamente ao público que assistiu às representações do *Catão*, as informações disponíveis são igualmente escassas e pouco precisas. O artigo do *Almanach Insulano*, fornece-nos uma longa lista de nomes de individualidades que teriam estado presentes na hipotética representação de Janeiro de 1829:

A par d'Almeida Garrett, a quem nesta narrativa cumpre prestar a primeira homenagem, via-se o grande general conde de Villa Flor. No mesmo banco com José Estevão e major Menezes commandante dos voluntarios, estavam sentados Passos Manoel, e Passos José. Alli se viam Alexandre Herculano, José da Silva Carvalho, Joaquim Antonio d'Aguiar, Marquez de Loulé, Balthasar d'Almeida

---

<sup>54</sup> [Representação do *Catão* em Plymouth]. In: *The Royal Devonport Telegraph & Plymouth Chronicle*. (6 Dec. 1828), p. 3.

<sup>55</sup> *Almanach Insulano*, op. cit., pp. 228-9.

Pimentel, Simão José da Luz, coronel Xavier, Bernardo de Sá Nogueira, Luiz da Silva Mouzinho d'Albuquerque, Candido José Xavier, Agostinho José Freire, Luiz Pinto de Mendonça Arraes, Antonio Cesar de Vasconcellos Correa, José Maria Baldy, marquez de Ficalho, major Pacheco, Julio Gomes da Silva Sanches, Julio Maximo de Oliveira Pimentel, D. Carlos Mascarenhas, general Pizarro, Joaquim Bento Pereira, João Nepomeceno de Lacerda, Vellez Caldeira, Januario Vicente Camacho, José Victorino Damasio, Joaquim Antonio de Magalhães, Antonio Cabral de Sá Nogueira, Bartholomeu dos Martires, e outros mais que não occorrem de momento á nossa reminiscencia <sup>56</sup>.

A ser verdade o que se lê nesta lista — que duvido —, estaríamos, porventura, perante o maior 'happening' do liberalismo português de sempre; o problema é que, pelo menos, quatro dos indivíduos mencionados não poderiam ter estado presentes: refiro-me a Joaquim António Magalhães e a Luís Mousinho de Albuquerque, que haviam já partido para o Brasil <sup>57</sup>, a Alexandre Herculano, que só iria para o desterro — inicialmente para Plymouth e depois para França —, em Agosto ou Setembro de 1831, e a Cândido José Xavier, que, pelo menos há data da segunda representação do *Catão* no Theatre Royal, havia já sido destituído do cargo de director do Depósito Geral de Plymouth, como nos informa Joaquim da Silva Maia: '...retirando-se para Londres C. J. Xavier, donde não voltou mais a Plymouth, e foi substituído pelo General Stubbs' <sup>58</sup>, sendo que este último nem sequer consta do role, e que, segundo as notícias atrás citadas d'*O Portuguez Emigrado* e *Devonport Telegraph*, também teria assistido à peça.

Referindo-se aos dois artigos de 1881, 'Escavações' e 'Anotações', Amorim queixa-se das mesmas 'fífias', já que 'Não

---

<sup>56</sup> *ibid.*

<sup>57</sup> Amorim, *op. cit.*, vol. 1, pp. 583, referindo-se a dois artigos publicados em jornais de Lisboa da época: "Escavações historicas" e "Anotações".

<sup>58</sup> Maia, *op. cit.*, p. 178. Esta informação é confirmada num officio do Marquês Palmela, transcrito em a [Ordem do dia N. 93, de 29 de Novembro de 1828, do Comando do Depósito Geral de Plymouth e assinado por Joaquim de Sousa de Quevedo Pizarro]: "[...] Chegou a esta Cidade o Ill.mo Sr. Tenente Gen.al Thomaz G.m Stubbs, que me apresentou o off. que se segue = Ill.mo e Ex.mo Snr. Tenente General Thomaz G.m Stubbs, portador deste off., vai tomar o Comm.do desse Dep.to, em lugar do Sr. Conselheiro Candido Joze Xavier, que pelas suas molestias não pôde continuar naquella Comissão. [...] 25 de Nov.o 1828 = Marquez de Palmella [...]" Ms. A.N.T.T., M.N.E., [Documentos relativos à Legação Portuguesa em Londres] Cx. 161.



podiam ter assistido a ella Candido José Xavier [...] Joaquim Antonio de Magalhães [...] Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque [...] e Alexandre Herculano’<sup>59</sup>. Por isso, face a tanta e tamanha ‘calinada’ e ‘fifia’, os artigos citados não servem de fonte de investigação; pelo contrário, têm sido responsáveis pela proliferação de uma série de imprecisões e erros grosseiros.

Do que não restam dúvidas, é que entre a assistência, maioritariamente constituída por emigrados portugueses, conta-se também um número apreciável de ingleses, entre os quais poderiam ter estado homens ilustres da vida pública britânica, como veremos adiante. Diz-nos Nemésio, que a peça foi muito aplaudida, ‘...but not understood, por algumas famílias de Plymouth, contempladas para esse efeito com algumas amáveis borlas...’<sup>60</sup>

Mas a tal ‘...very brilliant and crowded audience’<sup>61</sup>, a que me referi atrás, não se limitou a umas quantas famílias de Plymouth, os ‘locals’, ‘...os Tikenesses, Heydens, e outros muitos...’<sup>62</sup>, entre os quais o cirurgião Richard Freeman, Mayor de Plymouth<sup>63</sup>; entre a assistência, encontravam-se também homens ilustres da mais alta sociedade britânica, nomeadamente Lord Boringdon, Lord Holland, Lord Palmerston e Sir James Mackintosh? Segundo a Professora Ofélia Paiva Monteiro, existe no *Espólio literário de Garrett*, um conjunto de notas breves que o próprio autor designou de ‘Literatura anglo-portuguesa’, entre as quais escreve, após alusão à representação do *Catão* em Plymouth, os seguintes nomes: ‘Lord Holland — Palmerston — Mackintosh — Palmela’<sup>64</sup>, o que leva a supor que estes homens poderiam ter assistido à peça ou, quanto muito, teriam sido convidados.

Como nota conclusiva, resta-me aguardar que este breve apontamento contribua para o esclarecimento de dúvidas que a representação do *Catão* de Almeida Garrett em Plymouth tem

---

<sup>59</sup> Amorim, op. cit., vol. 1, pp. 583-4.

<sup>60</sup> Nemésio, op. cit., pp. 57-8.

<sup>61</sup> [Representação do *Catão* em Plymouth]. In: *The Royal Devonport Telegraph & Plymouth Chronicle*. (6 Dec. 1828), p. 3.

<sup>62</sup> *Descripçam das trez cidades unidas: Plymouth, Ston Hause, e Devenport* [poema anónimo]. Angra: Impressam do Governo, 1829, p. 13.

<sup>63</sup> Joaquim de Souza de Quevedo Pizarro, *Copia da Carta que o Brigadeiro dirigio ao Maire desta Cidade*. Plymouth: R. W. Stevens, [1828]. — A carta é datada de “High-Street, No. 36, em Plymouth, 3 de Decembro de 1828.” Segundo Joaquim da Silva Maia (op. cit., p. 177), Freeman “...era hum que lá comparecia...”.

<sup>64</sup> Ofélia Paiva Monteiro, *A Formação de Almeida Garrett: experiência e criação* (2 vols.). Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1971, vol. 2, p. 57, nota n. 146.

suscitado e alertar para a lacuna que constitui a inexistência de uma biografia dos exílios de Almeida Garrett na Inglaterra, que os saiba relatar com pormenor, e às actividades políticas, sociais e literárias que desenvolveu nesses períodos, como está, aliás, por fazer uma história da emigração política portuguesa para a Grã-Bretanha na primeira metade do século XIX.

## Bibliografia

- Amorim, Francisco Gomes de, *Garrett: Memórias Biographicas* (3 vols.). Lisboa: Imprensa Nacional, 1881-84
- Anónimo, *Descripçam das trez cidades unidas: Plymouth, Ston Hause, e Devenport* [poema anónimo]. Angra: Impressam do Governo, 1829
- Anónimo, '[Desmentido à notícia da morte de D. Miguel]'. In: *O Portuguez Emigrado: ou o realista constitucional = The Portuguese Emigrant: or constitutional royalist*. — Plymouth: W. W. Arliss. — N. 10 (9 Dec. 1828), p. 74
- Anónimo, 'Great fire at Plymouth'. In: *The Illustrated London News*. London: George C. Leighton. Vol. 42, No. 1184 (17 Jan. 1863), p. 60
- Anónimo, 'O porto e quebra-mar de Plymouth'. In: *O Panorama*, vol. 3, n. 122 (31 Ago. 1839), p. 273-5
- Anónimo, '[Representação do Catão em Plymouth]'. In: *The Royal Devonport Telegraph & Plymouth Chronicle*. (6 Dec. 1828), p. 3
- Anónimo, 'Uma recita em Plymouth'. In: *Almanach Insulano para Açores e Madeira: Estatístico, Histórico e Litterario para o Anno de 1874*. Angra do Heroísmo: Typ. da Terceira. — (1874), p. 228
- Braga, Teófilo, *As Modernas Ideias da Litteratura Portuguesa* (2 vols.). Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1892
- Carvalho, José Liberato Freire de, *Memórias com o titulo de annaes, para a historia do tempo que durou a usurpação de D. Miguel por José Liberato Freire de Carvalho*. Lisboa: Na Imprensa Nevesiana, 1841
- Clarke, John, *The Life and Times of George III*. London: Weidenfels and Nicolson, 1972
- Dias, Luís Augusto Costa, 'Introdução'. In: *Almeida Garrett: obra política — escritos do vintismo (1820-23)*. Lisboa: editorial estampa, imp. 1985
- Dias, Luís Augusto Costa, 'Introdução'. In: *Almeida Garrett: obra política — doutrinação da sociedade liberal (1824-27)*. Lisboa: editorial estampa, 1991
- Dias, Luís Augusto Costa, *Os papelinhos de Garrett*. Sintra: Câmara Municipal, 1988
- Estorninho, Carlos, *Garrett e a Inglaterra*. Lisboa: Faculdade de Letras, 1955

- Fox, Henry Richard Vassal Fox, *The Holland House Diaries. The Diary of Henry Richard Vassall Fox, third Lord Holland, with extracts from the diary of Dr. John Allen*. London: Routledge & Kegan Paul, 1977
- Garrett, J. B. de Almeida, *Obras de Almeida Garrett* (2 vols.). Porto: Lello & Irmão — Editores, 1963
- Maia, Joaquim José da Silva, *Memorias Historicas, Politicas e Philosophicas da Revolução do Porto em Maio de 1828 e dos Emigrados Portuguezes pela Hespanha, Inglaterra, França e Belgica: Obra Postuma de...* Rio de Janeiro: Typographia de Laemmert, 1841
- Midosi, Paulo [Junior], 'Os ensaios do Catão'. In: *Diario de Noticias*. — Lisboa. — A. 14, n. 4551 (11 Out. 1828), p. [1]
- Monteiro, Ofélia Paiva Monteiro, *A Formação de Almeida Garrett: experiência e criação* (2 vols.). Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1971
- Nemésio, Vitorino, *Exilados 1828-1832: História Sentimental e Política do Liberalismo na Emigração*. Lisboa: Livraria Bertrand, [s. d.]
- Pizarro, Joaquim de Quevedo, *Copia da Carta que o Brigadeiro Pizarro dirigio ao Maire desta Cidade*. Plymouth: R. W. Stevens, [1828]
- Raitt, Lia Noémia Raitt, *Garrett and the English Muse*. London: Tamesis Books Limited, 1983
- Reino Unido. Devon. National Trust, *Saltram Guide Book*. Devon: National Trust, 1998
- Soriano, Simão José da Luz, *Historia da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal: comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica deste reino desde 1777 até 1834*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1883
- Soriano, Simão José da Luz, *Poesias Diversas*. Angra: Imprensa do Governo, 1832
- Soriano, Simão José da Luz, *Revelações da Minha Vida e Memorias de Alguns Factos, e Homens Meus Contemporaneos* (2 vols.). Lisboa: Typographia Universal, 1860
- Sousa, José Baptista de, 'Catão em Plymouth: controvérsias acerca da representação da tragédia em Inglaterra (1828)'. In: 'De Garrett ao neo-garrettismo': *Actas do Colóquio*, Maia: Câmara Municipal da Maia, 1999
- Xavier, Cândido José Xavier [Ofício N. 23, de 15 de Outubro de 1828, ao Marquês de Palmela]. Ms. A.N.T.T., M.N.E., [Documentos relativos à Legação Portuguesa em Londres] Cx. 164



# THE SIR HENRY THOMAS PROJECT: TOWARDS A HISTORY OF PORTUGUESE LITERATURE IN ENGLISH TRANSLATION

*Patricia Anne Odber de Baubeta,  
University of Birmingham*

## **Introduction**

“We English are, with few exceptions, little acquainted with Portuguese literature.”<sup>1</sup> Thus spoke Edward Quillinan’s literary creation, Captain Vincent Stanisforth, in 1841, and, if truth be told, little has changed since that date.

In the second half of the 20<sup>th</sup> century, Jorge de Sena found English ignorance of the wealth and diversity of Portuguese literature quite monstrous — “qualquer coisa de monstruosa (1981: 143), while Onésimo T. Almeida has observed:

If we were to survey that minuscule segment of the Anglo-American readership with some knowledge of Portuguese letters, we could easily predict that, in the final analysis, poetry would rank the highest with two names: Camões and Pessoa. The second category would be the novel, with *Eça de Queiroz*, possibly followed by José Saramago. (Almeida 1997: 127)

---

<sup>1</sup> Edward Quillinan, *The Sisters of the Douro*, in *The Conspirators*, Vol. 1. London: Henry Colburn, 1841, p.106. The statement is made by Captain Vincent Stanisforth in chapter V, when Francisca Coelho takes him on a whistle-stop tour of Portuguese literature, based largely on Bouterwerk, as Miguel Alarcão has established in his article “Home is Where the Heart is: A Obra Lusófila de Edward Quillinan (1791-1851)”, *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, 4 (1995), pp. 87-132.

Eugénio Lisboa, less dispassionate than his fellow countrymen, berates the British reading public, if not the British in general, for their:

“arrogância cultural [...], o seu conhecido fastio cultural, o desprezo altaneiro pelos “foreigners”, sobretudo quando estes mostram tendência a pertencer ao sul indisciplinado e moreno. Este fastio, esta falta de curiosidade pelo outro (sobretudo se o outro é pequeno e política e economicamente sem importância)” (1997: 237-38)

### **The Sir Henry Thomas Project**

The principal objective of the Sir Henry Thomas Project<sup>2</sup> is to counter these attitudes and this ignorance by mapping the presence and reception of Portuguese literature in the English-speaking world, simultaneously challenging long-standing perceptions of the low status of literary translation in “a tradition that belittles translation” (Bush 1997: 126) and raising the profile of Portuguese literature in general. Only a project of some magnitude can explore satisfactorily the history of Portuguese literature in English translation, following Lambert & Van Gorp’s arguments in favour of large-scale research programmes whose object of study is “translated literature, that is to say, translational norms, models, behaviour and systems” (1985: 51). The project should make it possible to gauge the nature and extent of Portugal’s literary ‘influence’ on English culture. Any changes that have taken place over time in translators’ approaches as well as their perceptions of the task of translation will emerge.

Anglo-Portuguese relations — dynastic, political, commercial — boast a long and complex history (Prestage 1935). The very fact that the two countries have enjoyed these relations since before the Treaty of Windsor (1386) suggests that there is much to learn about the cultural interaction between them. Portuguese and English literature have met at the “encruzilhadas da cultura” (Ferreira Duarte 2001) for more than six centuries, but they have

---

<sup>2</sup> Henry Thomas, for whom this project is named, graduated from Mason College (the Birmingham institution from which the present University was formed in 1900), and went on to become Principal Keeper of Printed Books in the British Museum and the foremost Hispanic bibliographer of his day.

never met on equal terms.<sup>3</sup> This inequality is strikingly obvious when we compare the volume of translations of canonical English authors, Shakespeare, Scott, Austen, the Brontës, for instance, with the paucity or non-existence of translations of, say, Gil Vicente's tragicomedies, Júlio Dinis, Herculano's *Lendas e Narrativas*, the novels of Camilo Castelo Branco. Even if we do not fully subscribe to Itamar Even-Zohar's Polysystem Theory, or accept it with grave reservations, there is no question that Portuguese literature has remained on the margins:

Since peripheral literatures in the Western hemisphere tend more often than not to be identical with the literatures of smaller nations, as unpleasant as this idea may seem to us, we have no choice but to admit that within a group of relatable national literatures, such as the literatures of Europe, *hierarchical relations* have been established since the very beginnings of these literatures. (Even-Zohar 1987: 110)

Yet Félix Walter maintained in respect of Portuguese literature, that "son influence sur d'autres littératures, surtout celle des pays qui ont eu le plus de rapports avec lui, est loin d'être négligeable" (Walter 1927: 10). This affirmation may be truer now than when it was first uttered, particularly since the attribution of a Nobel Prize to José Saramago in 1998. Certainly, questions of impact and influence should be broached within the framework of a history of translation that charts the flow of translations from Portugal to England and to the United States.

## Translation History

Translation history, as Anthony Pym (1998: 2) has pointed out, does not appear explicitly in James Holmes' map of Translation Studies (Holmes' seminal lecture "The Name and Nature of Translation Studies" was delivered in 1972 and has been published in Toury 1987). Two decades later, José Lambert lamented the fact that "si la carte mondiale des littératures nous est mal connue, celle des traductions n'existe même pas à l'état de

---

<sup>3</sup> One possible indicator of this interaction is the number, frequency and quality of translations from the Portuguese, though such data, some of which is available in UNESCO's *Index Translationum*, would need to be interpreted with caution.

concept" (1993: 10). Even in 1996, for commentators like Alexander Gross, translation history was still in its infancy, not least because only "nine useful books about translation history, specialised works aside, have been published over the last thirty years".<sup>4</sup> Needless to say, none of these useful books tackles the question of Portuguese literature in translation. Delisle and Woodsworth's *Translators through History* (1995) may provide useful models of approaches to be taken, but it offers no Portuguese examples. On the other hand, Lambert reminds us that pieces of translation history are frequently to be found hiding within other areas of research, including Comparative Literature and studies on reception (1993: 8). One notable example of this is Professor Machado de Sousa's study of Gothic literature in 18<sup>th</sup> — and 19<sup>th</sup> century Portugal (1978), which contains valuable discussion and analysis of Herculano's translations of Lewis's *The Monk*.

In reality, scholars of Portuguese have actually been ahead of their time in this type of endeavour. Several general surveys on Portuguese literature in English translation were produced before academics had thought to coin the terms Translation History or Historiography of Translation. While their work is not especially critical, and may fall short of the standards expected of today's scholars, they did carry out substantial activity in the field of "translation archaeology", "which can include anything from the compiling of catalogues to the carrying out of biographical research on translators" (Pym 1998: 5).

Thus, Henry Thomas published his brief study of translations from Portuguese before 1640 (1926, 1930), covering literature, history, travel writing and other genres. In the same period Félix Walter published in France a study of Portuguese literature in England during the Romantic period (1927). Fran Paxeco's short work, *The Intellectual Relations between Portugal and Great Britain*, published in 1937, reviews and augments the work done by Thomas and Walter. Although Paxeco's commentary lacks scholarly rigour, the wealth of anecdotal evidence offers many useful points of departure for an exploration of how Portuguese literature has been received in Britain. Luiz Cardim has a concise work on Camões in English literature (1940). This is followed by Carlos Estorninho's "Portuguese Literature in

---

<sup>4</sup> Alexander Gross, reviewing Delisle and Woodsworth's (1995) *Translators through History* in 1996, at <http://language.home.sprynet.com/trandex/histrhis.htm>



English Translation”, in the homage volume for Prestage and Bell, *Portugal and Brazil* (in Livermore 1953: 129-138). A list of translated works is provided in the Portuguese literature section of *Literatures of the World in English Translation*, Vol.3 (Berrien *et al* 1967). Antony Allison (1974) has produced a catalogue of translations from Spanish and Portuguese to the year 1700. More recently, *The Babel Guide to the Fiction of Portugal, Brazil & Africa in English Translation* (Keenoy *et al* 1995), offers short introductions to a limited selection of translated works but the brevity of the book and its supposed target audience preclude any critical analysis of the translations themselves or historical overview of Portuguese literature in translation.

Regrettably, the *Encyclopedia of Literary Translation into English* (Classe 2000) has only three entries for Portuguese literature, Camões, Pessoa and Saramago, thus wasting an invaluable opportunity to foreground other, major Portuguese authors who have been translated into English. The balance of the article on Portuguese Literature (McGuirk & Vieira 2000: 1105-1107) is tipped towards Brazilian and Lusophone African works in translation. It offers no hint that there is a tradition of academic research into Anglo-Portuguese cultural relations, referring instead to the *Babel Guide*, and relies too heavily on the essays published in Coulthard & Odber de Baubeta (1996), to the extent of reproducing an obvious typographical error.

Whilst some of the works listed above indubitably provide an invaluable starting point for this study, they are limited in scope, the view they provide is fragmented, outdated and, occasionally, inaccurate. Valuable studies of authors and translations do exist — George West’s groundbreaking research on Camões is a notable example (West 1934, 1938, 1971-72).<sup>5</sup> Now, perhaps, it is time for exhaustive research into the dissemination and reception outside Portugal of works by Portuguese authors.

A number of Portuguese and British academics, principally *anglistas* and *lusitanistas* who occupy the middle ground of comparativism — “l’étude des traductions constitue toujours un ‘no man’s land’ des études littéraires” (Lambert 1993: 8) — have identified the crucial role played by translation within intercultural studies, and continue to advance scholarship in this area.

---

<sup>5</sup> I am much indebted to Professor João Ferreira Duarte for drawing my attention to West’s work and the Catalogue of the Fundo British Council, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, as well as his comments on the Portuguese canon.

Foremost among these are Professor Maria Leonor Machado de Sousa and her team of researchers in the Departamento de Estudos Anglo-Portugueses in the Universidade Nova de Lisboa. The results of their research, individual and collective, have been published in monographs and collections of essays, including, *A Literatura "Negra" ou "De Terror" em Portugal (século XVIII e XIX)* (Sousa 1978); *Walter Scott e o Romantismo Português* (Pires 1979); *Portugal visto pelos Ingleses* (Pires 1981); *D. Inês e D. Sebastião na Literatura Inglesa* (Sousa 1980); *D. Sebastião na Literatura Inglesa* (Sousa 1985); *Inês de Castro: Um Tema Português na Europa* (Sousa 1987), and *Camões em Inglaterra* (Sousa 1992); in the eight numbers of the *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* that have appeared to date; and in articles and monographs deriving from masters and doctoral theses. Outstanding among these are João Paulo Ascenso Pereira da Silva's *Memórias de Portugal. A Obra Lusófila de John Adamson* (1986, 1990a) and Pedro Serra's study of Stevens' translation of D. Francisco Manuel de Melo's *Carta de Guia de Casados* (1994, 1995).

In a parallel trajectory, Professor João Almeida Flor and Professor João Ferreira Duarte, in the Universidade de Lisboa, following the tradition established by Professor Fernando de Mello Moser (see for example Moser 1994), have turned their respective attention to Anglo-Portuguese cultural relations, publishing their findings in seminal articles that consider, for instance, Shakespeare in Portugal (Flor 1985, 1994; Duarte 2000) and Camões in English translation (Duarte 1996; Flor 1998).

In the United Kingdom, initiatives in this area have traditionally sprung from academics engaged in teaching, researching and promoting Portuguese literature, librarians, poets and professional literary translators. Foremost among these was Edgar Prestage, who posed the following question in a letter to *The Academy*:

Why is the study of Portuguese literature neglected in England at a time when so much real interest is taken in all that concerns the literary evolution of foreign cultures? [...] The English neglect of which I complain is strange, seeing that both France and Germany have translated many of the Portuguese classics. (1893: 506)

Indeed, as Richard Pound has rightly pointed out, "Edgar Prestage's contributions to the study of Portuguese history and literature in the English-speaking world are so numerous and so

well known that is perhaps surprising that in the thirty-six years since his death no attempt has been made at a comprehensive study of the man and his work" (Pound 1987: 84).

In the field of Portuguese Studies, there is no binary opposition between translation theorists and practitioners since the individuals involved are often one and the same, as demonstrated by such events as the *International Conference on Translation Theory and Practice*, celebrated in Birmingham in 1993,<sup>6</sup> the Forum for Iberian Studies held annually at the University of Oxford (1999 was dedicated to *Translation and National Literatures* and included a paper by Ana de Brito on Camões in translation), and at the one-day conference *From the Portuguese: Translations and Transformations* (Institute of Romance Studies, London, 1999).

The late Giovanni Pontiero not only translated works by Agustina Bessa Luís and José Saramago, among others, but also shook off any traces of invisibility in order to express his heartfelt views on translation.<sup>7</sup> Margaret Jull Costa is equally articulate, in conferences, workshops and articles (Costa 1999). Other scholar-translators have researched and published on various aspects of translation from the Portuguese (Perkins 1993, 1996; Livermore 1996; Lappin 1997; Aiken 1998; MacLaren 1999; Kelsh 2000a, 2000b; Odber de Baubeta in press),<sup>8</sup> but due to the nature of academic publication (and demarcation lines), their writing may not always be seen by those involved in Translation Studies. Conversely, those who research Portuguese literature might not think to consult translation journals and reviews.

From the other side of the Atlantic, a series of publications contribute significantly to the field. These range from single articles, such as Rebecca Catz's study of previous translations of the *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, in which she calls to account "all the translators who butchered the *Peregrinação*" (1988: 72), to book-length studies. For instance, George Monteiro has meticulously researched the impact of Camões (1996, 1999) and reception of Pessoa in England, America and Southern Africa (1994, 1997).

---

<sup>6</sup> The papers concerned specifically with Luso-Brazilian topics were published by Coulthard & Odber de Baubeta in 1996 under the title of *Theoretical Issues and Practical Cases in Portuguese-English Translation*.

<sup>7</sup> See Pontiero's lectures and essays, which have been reprinted in Orero & Sager (eds) *The Translator's Dialogue. Giovanni Pontiero* (1997).

<sup>8</sup> Dr Helen Kelsh is co-designer of the Sir Henry Thomas Project and is preparing Volume II of the *History*.

It becomes clear that while considerable amounts of research are taking place, the lack of connection between them has given rise to a piecemeal approach to a much broader cultural phenomenon. Scholars continue to comment on translations of particular works without examining the broader context within which these were made, or indeed, the relationship between different translations of the same work made at different points in time. Studies of Portuguese literature in translation do not always take account of the latest theoretical advances in Translation Studies, and Translation Studies do not necessarily look to Anglo-Portuguese literary and historical studies for its working models and examples.

“Translation wields enormous power in constructing representations of foreign cultures” (Venuti 1998: 67). This *History* will look to such different subject areas as Descriptive Translation Studies, Comparative Literary Studies, Reception Theory, History of Publishing, Postcolonial Studies and Gender Studies, in order to understand the Anglo-Portuguese relationship in the past, and provide the basis for future research into the ways that Britain constructs, represents and reads her Portuguese ‘other’.

### **The History of Portuguese Literature in English Translation**

The first task will be to compile a catalogue of all known translations of European Portuguese literary works into the English language to the year 2002, recovering wherever possible those translations which have been ‘lost’, overlooked or have quite simply fallen out of fashion. Susan Bassnett’s observation that “The translations that are heralded as definitive at one moment in time can vanish without trace a few years later” (1998: 135) might easily have been made with Camões’ *Lusíadas* in mind. While much of the information for the early years has already been disinterred and published by Thomas, Walter, Allison *et al*, their works are not widely available, and virtually inaccessible to non-specialist English readers. The catalogue will provide the factual basis for the *History*. While José Lambert may advise against “une historiographie factuelle, cumulative” (1993: 20), it is difficult to see precisely how a history can be written if we do not know which works were translated, when, where, and by whom — precisely those questions suggested by Lieven d’Hulst in his article “Why and How to Write Translation Histories” (d’Hulst 2001: 21-32).

Difficulties will inevitably arise in identifying and locating translations of poems and short stories which have appeared in little known journals and anthologies, or in editions with low print runs. However, new developments in information technology, including the computerisation of library catalogues and the uploading of magazine indexes to the Internet, have already facilitated the task of tracking down relevant material across academic disciplines, the “complex detective work” referred to by Anthony Pym (1998: 5).

Next comes a lengthy Introduction to explain the structure of the *History*, set out the objectives, parameters, theoretical framework and methodology of the research, and present the principal issues to be explored.

Successive chapters in the two Volumes will deal with translators, authors and works, translation issues, and the relationships between all of these, ordered more or less according to the chronology of the source literary system, by centuries as opposed to literary movements, although there may be a degree of overlap between these categories (for some readers, the 16<sup>th</sup> century would naturally correspond to the Renaissance, the 19<sup>th</sup> to Realism). Notwithstanding José Lambert’s misgivings about “periodisation littéraire” (1993: 2), given the specific purpose of this history, as well as the nature, size and temporal distribution of the corpus, this mode of organisation is deemed to be the most appropriate. Other possible structuring modes were considered. For instance, chapters might have been arranged by the period in which translation activity took place. However, this would have led to a serious imbalance, with gaping *lacunae* for some centuries and a heavy overload for others. Likewise, an ordering of material solely according to theoretical issues would not work in the context of translation from Portuguese, where the broader canvas has yet to be painted in. For any explanation to be well founded and convincing, the archaeological phase must have been duly completed. Though undoubtedly reminiscent of traditional literary historiography, the *History* is intended to function, among other things, as a parallel history of Portuguese literature.

Emphasis will fall on particular literary texts and their translations, but never losing sight of “problems of social causation”. For Pym, “Only through translators and their social entourage (clients, patrons, readers) can we understand why translations were produced in a particular social time and place” (Pym 1998: ix). Wherever possible, the formal and informal processes through

which literary works are selected for translation and publication will be scrutinised.

Even-Zohar suggests that translated works may serve to fill a vacuum in a weaker, peripheral literary system, particularly at turning points or moments of crisis (1987: 109), but this model does not adequately explain why a work or works from the periphery may 'invade' the stronger literature. Some translations are easily accounted for in terms of their specific content or the importance attributed to the genre of the source language text, for example, certain kinds of travel literature, the epic, or a controversial work like *Novas Cartas Portuguesas* with an explicit feminist agenda. Thirty Portuguese folk tales were published in English translation for the benefit of English scholars, in advance of a more complete Portuguese edition, namely Consiglieri Pedroso's *Contos*, translated by Henriqueta Monteiro as *Portuguese Folk-Tales*, London 1882.

Susan Bassnett, echoing Even-Zohar, has stated that "translation is especially significant at moments of great cultural change" (Bassnett 1993: 10). To test the truth of this assertion, account will be taken of the possible impact and influence of particular historical circumstances. Walter, for instance, believed that events such as the Lisbon earthquake of 1755 and the French invasions of 1807-1810 awoke interest in Portuguese literature (1927: 119). Once the full picture of translational activity has been drawn, it should be possible to verify whether Bassnett's affirmation holds true for the specific case of Portuguese. Indeed, discernible patterns of cultural exchange and appropriation may be attributed to the impact of British Romantics travelling in Portugal, the exile of Portuguese intellectuals in the 19th century, and dynastic alliances such as the marriage of Catherine of Bragança to Charles II in 1662.

The study will attempt to identify the new qualities and characteristics that Portuguese authors and their works have exported to the English literary system. Examples which immediately come to mind are, of course, Fernando Pessoa and his heteronyms, and Saramago with his innovative narrative technique and Iberian 'magical realism'. However, this focus on the intercultural exchange does not imply that the linguistic and stylistic features of the translations will be disregarded. A growing body of scholars now claim equal status for original texts and translations as far as literary criticism is concerned (Rose 1997). Translation commentaries require precisely the same critical and interpretative skills as any other act of reading. For a deeper

understanding of the translation process, selected works will be subjected to close reading, treated either as literary works in their own right, or set alongside the source text on which they are based, principally in order to determine the extent to which the original has been adapted, manipulated, censored or perhaps (according to very subjective criteria) improved. Where more than one translation of the same work has been published, there will be greater opportunity for discussion of alternatives available, and solutions found. (This approach will work particularly well with poetry, for example the Galician Portuguese lyrics and the sonnets of Camões or Antero de Quental). Where one person has produced translations of different works, it should be possible to talk in terms of consistent stylistic preferences and choices. At the same time, the *History* will give the highest possible visibility to the translators' own views, as expressed in prefaces, afterwords, articles and papers. Pontiero and Costa have already been mentioned in this context, Richard Zenith also comes to mind (Zenith 1991, 1994a, 1994b, 1995, 1998). When publishers grant them the space in which to express their views, translators often call attention to the specific challenge posed by a genre or even the language variety itself, or, torn between political correctness and a perceived need to remain faithful to the spirit of the original work, justify the choices made.<sup>9</sup>

## Canonicity

The *History* will, throughout, consider the relationship between translation and the canon. Critics and academics continue to debate the canon, seen by some as a mode of cultural representation, condemned by others as a tool for marginalisation. Certainly, it may be perceived as an exercise in exclusion, or even as an example of the centre-periphery power relationship. Harold Bloom's decision to include only one Portuguese writer in his Western canon says far more about Anglo-American academic attitudes and values than the inherent worth of Portuguese literary genius. The judgement expressed in the *Encyclopedia of*

---

<sup>9</sup> See for example Andrew Hurley's explanation of the rationale behind his use of such disturbingly racist terms as "sheeny", "wop" and "nigger" in "A Note on the Translation", *Collected Fictions. Jorge Luis Borges*. London: Penguin Books, 1998, p.521. A similar dilemma arises in respect of Gil Vicente's plays, where the translator must decide whether to retain or erase what would nowadays be condemned as unequivocally racist, anti-semitic verses (MacLaren 1999).

*Literary Translation into English* is also made from the standpoint of the 'dominant' culture: "It is as surprising as it is gratifying, therefore, to see him [Pessoa] figure in Harold Bloom's 1994 *The Western Canon* of essential writers" (Freeman 2000: 1066-1067). The decision to include Pessoa should come as absolutely no surprise whatsoever to anyone who has actually read his poetry, in Portuguese or in English. Infinitely more surprising is the absence of other Portuguese authors. Stephen Reckert talks of "foreign readers coerced into taking notice by a hard sell of Fernando Pessoa, implying that [...] Portugal has only ever had one poet: a marketing strategy at once demeaning to the literature as a whole and unjust to such predecessors and contemporaries of Pessoa's as Cesário Verde and Camilo Pessanha" (Reckert 1993: 9-10).

*Canon*, for the purposes of this study, is taken to mean a selection of valued works from the past, held in common as part of society's cultural memory and identity.<sup>10</sup> No one would deny the existence of a Portuguese domestic canon of literary works, selected for the same reasons as the English, French or any other national canon. However, while these works might be classified as canonical on the grounds of their polyvalency, timelessness, their aesthetic and universal qualities, this argument is questioned by Tompkins, who maintains that "works that have attained the status of classic, and are therefore believed to embody universal values, are in fact embodying only the interests of whatever parties or factions are responsible for maintaining them in their pre-eminent position" (Tompkins 1985: 4), a view shared at least in part by Reckert, who considers that "no effort has been spared to domesticate, appropriate, capitalise on, and mummify *The Lusíads*. It has been quarried for lapidary lines to be carved on monuments and stirring sentiments to be slotted into Tenth of June orations" (Reckert 1993: 8).

In respect of the USA, Tompkins indicates that "Even in the last sixty years, the literary canon has undergone more than one major shift as the circumstances within which critics evolved their standards of judgment changed" (Tompkins 1985: 187). What holds true for the US may well apply to Portugal. Certain authors, excluded from the canon by the censorship of Salazar's Estado Novo — Torga, the Neo-Realists, the Three Marias, José

---

<sup>10</sup> I am grateful to Stuart Davis for making available to me his MPhil thesis, *The Hispanic Canon*, University of Birmingham, 1999.



Luandino Vieira — are now accepted members of the literary establishment.<sup>11</sup>

Stephen Reckert concedes that “Like most national canons, that of Portugal is now in a state of flux”, but then takes the controversial view that “the Portuguese [canon], as far as the outside world is concerned, might have been put in deep freeze a hundred years ago [...] Lack of outside feedback has hindered both the formation and the revision of the Portuguese canon, turning it in on itself as a closed system” (Reckert 1993: 9). The question is whether translators (English, American, South African) share collective responsibility for transforming Portuguese literature into an erstwhile Sleeping Beauty, or whether their magical powers of transformation will eventually break the spell and bring it to life.

Through its reconstruction of translation history, the Sir Henry Thomas Project will explore the ways in which these translators, along with academics, critics, authors and even ‘cultivated travellers’, have created a Portuguese foreign canon which is exported to (or appropriated by) the English-speaking world. In 19<sup>th</sup> century England, among those responsible were Southey (Leal 1986; Castanheira 1996), Adamson (Silva 1986, 1990a) and William Morgan Kinsey, who drew largely on Garrett (Oliveira Martins 1987, 1990). In the first half of the 20<sup>th</sup> century, Prestage (1893), Bell (1913, 1914a, 1914b) and Roy Campbell (1957) disseminated Portuguese literary culture, while on the other side of the Atlantic, the canon-forming influence of the New England elite (Ticknor, Longfellow *et al*) cannot be underestimated (Tompkins 1985: 27-28). In more recent times, a number of individuals have exercised their personal judgement in choosing which works should be translated and published. Research will establish whether they are applying different criteria or are operating under different constraints from their predecessors.

### **Canon Formation and the Role of the Anthology**

On the subject of canon formation, Wendell Harris notes:

What a generation is taught depends on the tastes and interests of the previous generation and on the antholo-

---

<sup>11</sup> Research might usefully be carried out to ascertain how far the 25 of April led to the inclusion of ‘subversive’, post-colonial or feminist writers in the canon.

gies and texts created in response to the demands that issue from those tastes and interests. To the selection that it has inherited, each generation adds those works given visibility by either fortunate sponsorship or malleability to current interests (1991: 110).

This observation is particularly relevant for Portuguese. Translations of Portuguese literary works, mainly poetry though there are some short stories, have been included in a series of English or American anthologies, one of the earliest being Longfellow's *The Poets and Poetry of Europe* (1845). While volumes such as these may have been forgotten by all but a few specialist scholars, they presumably had a significant impact on the reading public at the time of publication. More importantly, the translated works may have achieved a kind of after-life or "aura", in Benjamin's words, because they are selected for inclusion in subsequent anthologies and thus continue to be read.

Lefevere (1996) demonstrates the relationship between translation and canon formation in the context of drama in the United States. Following his approach, the *History* will consider the role of anthologies in disseminating Portuguese literature in translation. "Comparison of anthologies — a popular academic pastime at present — is informative in several ways" (Harris 1991: 114). Those anthologies in which translations from Portuguese have been published will therefore be compared in order to establish whether once the works have crossed over into the target literary system, they remain there, recur in subsequent anthologies, are retranslated by writers who think they can (or ought to) produce their own, more up-to-date version ("Alma minha gentil", for example, exists in at least eighteen different translations) or have simply been discarded and dropped from the canon.

Tompkins sounds a warning note, pointing out that "Even when the "same" text keeps turning up in collection after collection, it is not really the same text at all" (1985: 196). Literature in translation is subject to an identical process: Landeg White's 1997 *Lusiads* is quite distinct from Fanshawe's *Lusiad* of 1655, just as *Os Lusíadas* in the 21<sup>st</sup> century is different from *Os Lusíadas* as read by Camões' own contemporaries.<sup>12</sup> André Lefevere offers the chastening reminder that readers "will, in fact,

---

<sup>12</sup> See Thomas R. Hart, *The Reader's Role in the 'Lusiads'*, The Kate Elder Lecture, 6. London: Department of Hispanic Studies, Queen Mary and Westfield College, November, 1995.

read the translation, the rewriting, as if it was the original text, and they will experience this state of affairs as normal, leaving professional readers of literature, such as critics and theoreticians, to agonize over it" (Lefevere 1996: 139).

In any event, anthologists' prefaces will supply interesting insights. In 1947, Braybrooke and King made their editorial stance unequivocally clear:

the Editors [...] have looked not only for fidelity in their translations, but also for poetic ability and an understanding of the spirit of the poet, so that they may be assessed by the same standards as the original poems. It is for this reason that some languages are more fully represented than others, for in these cases the standard of translations received has been higher poetically. No attempt has been made to be representative". (Braybrooke & King 1947: v) <sup>13</sup>

At this point, we should recall André Lefevere's observation that "the anthologist has to assume the burden of selection. Interestingly, enough the corollary to this is almost never discussed, namely: on what authority does the anthologist shoulder this burden?" (Lefevere 1996: 141).

Equally important for the *History* is the question of why certain canonical works of Portuguese literature have never been translated at all. Canonical status in the source culture offers no guarantee of transfer across to the target culture. João Ferreira Duarte accounts for this phenomenon in terms of "cultural distance":

I am employing this phrase to describe the fact that a highly canonical text or series of texts fail over a more or less lengthy period of time to be admitted into some target system for no other reason than cultural remoteness, which may stem from hostility or indifference and may lead to a dearth of experts able to tackle the translation. (Duarte 2000: 62)

Portuguese literature does not engender any hostility in the English-speaking world. It is more probable that the parochial,

---

<sup>13</sup> The anthology contains 6 Portuguese poems, as compared with 13 Classical, 6 Italian, 14 Spanish, 4 Spanish American, 3 Brazilian, 26 French, 1 Dutch, 23 German, 6 Czech, 3 Croatian, 3 Estonian, 13 Russian, 9 Hebrew.

insular British were for the most unaware of its existence until Saramago received his Nobel prize. Indifference and a lack of translation expertise may go some way towards explaining why key (or full-length) works by leading authors — past and present — have not yet been translated: Sá de Miranda, Bocage, Herculano, Júlio Dinis (*Uma Família Inglesa* in particular),<sup>14</sup> Carlos de Oliveira, José Cardoso Pires, Vergílio Ferreira, Maria Judite de Carvalho (one short story to date), Fernanda Botelho, Maria Ondina Braga, Agustina Bessa Luís (with the exception of a few short stories), the entire output of Alice Vieira. The gaps cannot be explained on the basis of gender — even the most cursory list reveals that male authors fare no better than women, all are left together on the margins. Unequal power relations between Portugal and the United Kingdom and the United States may be a deciding factor, or even the cultural arrogance that Eugénio Lisboa so vigorously lambasts.

Nowadays, no single reason can be adduced for the very small numbers of Portuguese works that are translated into English. Rather it is a combination of many: the indifference (or ignorance) noted above; the scarcity of competent translators; the low rates of pay that make it impossible for all but a few translators to dedicate themselves exclusively to the profession; the reluctance of publishers to invest in books that may not even cover their own production costs, even with translation grants from funding bodies. Portuguese literature, it seems, is not just devalued cultural capital (Guillory 1993). It was never legal tender in the first place.

## References

- Aiken, Alison (1998) "Eça in English Translation: Some Treasures and Some Travesties", *Portuguese Studies*, 14, pp. 92-103.
- Alarcão e Silva, Miguel (1995) "Home is Where the Heart is: A Obra Lusófila de Edward Quillinan (1791-1851)", *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, 4, pp. 87-132.
- Alarcão, Miguel (1986) *Edward Quillinan e Portugal*. [texto policopiado] Lisboa. Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses, apresentada à F.C.S.H. da UNL.

---

<sup>14</sup> In his letter to *The Academy* (1893), Edgar Prestage urged Mr. Heinemann to consider an English translation of Júlio Dinis's *As Pupilas do Senhor Reitor*. His plea fell on deaf ears and remains unanswered to this day.

- Allison, Anthony (1974) *English Translations from the Spanish and Portuguese to the year 1700: an annotated catalogue of the extant printed versions (excluding dramatic adaptations)*. London: Dawsons.
- Almeida, Onésimo T. (1997) "On the Contemporary Portuguese Essay", in *After the Revolution: Twenty Years of Portuguese Literature 1974-1994*. Edited by Helena Kaufman & Anna Klobucka. London: Associated University Presses, pp. 127-142.
- Barreno, Maria Isabel, Maria Teresa Horta & Maria Velho da Costa (1972) *Novas Cartas Portuguesas*. Lisboa: Estúdio Cor.
- Barreno, Maria Isabel, Maria Teresa Horta & Maria Velho da Costa (1994) *New Portuguese Letters*. Translated with a Preface by Helen Lane (prose sections). Poetry translated by Faith Gillespie with the assistance of Suzette Macedo. London: Readers International.
- Bassnett, Susan & Andre Lefevere (1998) *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd.
- Bassnett, Susan (1993) *Comparative Literature. A Critical Introduction*. Oxford: Blackwell.
- Bell, Aubrey Fitz Gerald (1913) *Poems from the Portuguese (with the Portuguese Text)*. Oxford: Blackwell.
- Bell, Aubrey Fitz Gerald (1914a) *Studies in Portuguese literature*. Oxford: Blackwell.
- Bell, Aubrey Fitz Gerald (1914b) *Lyrics of Gil Vicente*. Oxford: Blackwell.
- Berrien, William *et al* (1967) *Portuguese Literature*, in *Literatures of the World in English Translation*, Vol. III. The Romance Literatures. New York: Ungar, pp. 173-191.
- Bloom, Harold (1994) *The Western Canon: The Books and School of the Ages*. New York: Harcourt Brace & Company.
- Braybrooke, Neville & Elizabeth King (eds) (1947) *Translation*. Second Series. London: Phoenix Press.
- Bush, Peter (1997) "The Translator as Arbiter", *The Translator's Dialogue*. Edited by Pilar Orero & Juan C. Sager. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 115-126.
- Campbell, Roy (1957) *Portugal*. London: Max Reinhardt.
- Cardim, Luiz (1940) *Projecção de Camões nas Letras Inglesas*. Lisboa: Editorial "Inquérito".
- Castanheira, Maria Zulmira (1996) "Robert Southey, o Primeiro Lusófilo Inglês", *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, 5, pp. 59-120.
- Catz, Rebecca (1988), "A Note on Previous Translations of the *Peregrinação*", *Portuguese Studies*, 4, pp. 70-81.
- Clarke, Shirley (nd) *The Three Barcas* (work in progress).
- Classe, Olive (2000) *Encyclopedia of Literary Translation into English*. 2 Volumes. Edited by Olive Classe. London and Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers.

- Costa, Margaret Jull (1999) "On Translation, and on translating Saramago in particular", *Portuguese Studies*, 15, pp. 207-215.
- Coulthard, Malcolm & P.A. Odber de Baubeta (eds) (1996) *Theoretical Issues and Practical Cases in Portuguese-English Translation*. Lewiston / Queenston / Lampeter: The Edwin Mellen Press, 1996.
- Davis, Stuart (1999) *The Hispanic Canon*. MPhil thesis. University of Birmingham.
- Delisle, Jean & Judith Woodsworth (1995) *Translators Through History*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- D'Hulst, Lieven (2001) "Why and How to Write Translation Histories", *Emerging Views on Translation History in Brazil*. *Crop*, nº 6. Edited by John Milton. São Paulo: Humanitas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- Duarte, João Ferreira (1996) "Tradução e apropriação discursiva: *The Lusiad*, de W. J. Mickle", in *Literatura Comparada: Os Novos Paradigmas. Actas do Segundo Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*. Edited by Margarida L. Losa, Ismênia de Sousa & Gonçalo Vilas-Boas. Porto, 3-6 de Maio de 1995. Porto: Edições Afrontamento, pp. 153-161.
- Duarte, João Ferreira (2000) "The Politics of Non-Translation: A Case Study in Anglo-Portuguese Relations", in Helena Carvalhão Buescu & João Ferreira Duarte (coord) *Act I — Sublime. Tradução*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 59-71.
- Duarte, João Ferreira (org) (2001) *A Tradução nas Encruzilhadas da Cultura. Translation as/at the Crossroads of Culture. La Traduction aux carrefours de la culture*. Lisboa: Colibri.
- Even-Zohar, Itamar (1987) "The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem", *Translation across Cultures*. Edited by Gideon Toury. New Delhi: Bahri Publications, pp. 107-113.
- Flitter, Derek W. & P.A. Odber de Baubeta (eds) (1998) *Ondas do Mar de Vigo*. Actas do Simposio Internacional sobre a Lírica Medieval Galego-Portuguesa. Birmingham: University of Birmingham, Seminario de Estudios Galegos.
- Flor, João Almeida (1994) "Camilo e a Tradução de Shakespeare", *Actas do XIII Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, Março de 1992*. Porto: APEAA, pp. 147-156.
- Flor, João Almeida (1985) "Shakespeare, Rosas e Brazão", *Miscelânea de Estudos dedicados a Fernando de Mello Moser*. Lisboa: Faculdade de Letras, pp. 233-246.
- Flor, João Almeida (1998) "The Old Man of Belém. Sobre a mais recente tradução inglesa de *Os Lusíadas*", *Actas das V Jornadas do ISAI subordinadas ao Tema "Tradução, Ensino, Comunicação"*, realizadas na Fundação Dr. António Cupertino de Miranda, no dia 8 de Maio de 1998, pp. 25-32.

- Freeman, Michael (2000) "Fernando Pessoa", *Encyclopedia of Literary Translation into English*. Volume 2. Edited by Olive Classe. London and Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers, pp. 1066-1067.
- Gross, Alexander (1996) Review of *Translators through History* ATA Chronicle. Published at <http://language.home.sprynet.com/trandex/histrhis.htm>
- Guillory, J. (1993) *Cultural Capital: The Problem of Literary Canon Formation*. Chicago: University of Chicago Press.
- Harris, Wendell (1991) "Canonicity", *PMLA*, 106, pp. 110-121.
- Hart, Thomas R. (1995) *The Reader's Role in the 'Lusiads'*, The Kate Elder Lecture, 6. London: Department of Hispanic Studies, Queen Mary and Westfield College, November.
- Holmes, James S (1987) "The Name and Nature of Translation Studies", *Translation across Cultures*. Edited by Gideon Toury. New Delhi: Bahri Publications, pp.9-24.
- Hurley, Andrew (1998) "A Note on the Translation", *Collected Fictions. Jorge Luis Borges*. London: Penguin Books, pp. 517-521
- Kaufman, Helena & Anna Klobucka (eds) (1997) *After the Revolution: Twenty Years of Portuguese Literature 1974-1994*. London: Associated University Presses.
- Keenoy, Ray, David Treece & Paul Hyland (1995) *Babel Guide to the Fiction of Portugal, Brazil and Africa in English Translation*. London: Boulevard.
- Kelsh, Helen (2000a) "O Primo Basílio no Mundo Anglo-Saxónico". Paper delivered at the Congresso de Estudos Queirosianos, Universidade de Coimbra, 6<sup>th</sup>-8<sup>th</sup> September.
- Kelsh, Helen (2000b) "O Primo Basílio' in the English-speaking world: voyeurism or moralism?" Paper delivered at *Eça de Queirós Astride the Millenium*, University of Bristol, 16<sup>th</sup>-17<sup>th</sup> November.
- Lambert, José & Van Gorp, Hendrik (1985) "On Describing Translations", in *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. Edited by Theo Hermans. London & Sydney: Croom Helm, pp. 42-53.
- Lambert, José (1993) "Introduction I. La traduction dans les littératures. Pour une historiographie des traductions", in *La traduction dans le développement des littératures. Actes du XIe Congrès de l'Association Internationale de Littérature Comparée (Paris, 20-24 août 1985)*. Edited by José Lambert and André Lefevere. Bern: Peter Lang & Leuven University Press, pp. 7-25.
- Lambert, José & André Lefevere (eds) (1993) *La traduction dans le développement des littératures. Actes du XIe Congrès de l'Association Internationale de Littérature Comparée (Paris, 20-24 août 1985)*. Bern: Peter Lang & Leuven University Press.

- Lappin, Anthony (1997) *Gil Vicente. Three Discovery Plays. Auto da Barca do Inferno, Exortação da Guerra, Auto da Índia*. Warminster: Aris and Phillips.
- Leal, Maria Zulmira Bandarra de Sousa Macedo (1986) *Para o Retrato de Robert Southey: A Visão de Portugal*. [texto policopiado] Lisboa. Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses, apresentada à F.C.S.H. da UNL.
- Lefevere, André (1996) "Translation and Canon Formation: Nine Decades of Drama in the United States", *Translation, Power and Subversion*. Edited by Román Álvarez and M.Carmen-África Vidal, pp. 139-155.
- Lisboa, Eugénio (1997) "Eça de Queirós no Mundo de Língua Inglesa", in *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, pp. 235-240.
- Livermore, H. V. (1953) *Portugal and Brazil. An Introduction made by Friends of Edgar Prestage and Aubrey Bell in Memoriam*. With the assistance of W.J. Entwistle. Oxford: Clarendon Press.
- Livermore, Harold V. (1996) "Camões in English", *Theoretical Issues and Practical Cases in Portuguese-English Translation*. Edited by Malcolm Coulthard & P. A. Odber de Baubeta. Lewiston / Queenston / Lampeter: The Edwin Mellen Press, pp. 79-96.
- Longfellow, Henry Wadsworth (1845) *The Poets and Poetry of Europe*, Philadelphia, Carey and Hart.
- MacLaren, Ann (1999) *Page and Stage: Translation and Transformation for Gil Vicente's New Audience*, PhD, University of Glasgow.
- Martins, Isabel Oliveira (1987) *William Morgan Kinsey: Uma Ilustração de Portugal*. Lisboa: Edições 70.
- Martins, Isabel Oliveira (1990) "O Percurso da Primeira História da Literatura Portuguesa", *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, 1, pp. 37-135.
- McGuirk, Bernard & Else R.P. Vieira (2000) "Portuguese Literature", *Encyclopedia of Literary Translation into English*. Volume 2. Edited by Olive Classe. London and Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers, pp. 1105-1107.
- Milton, John (ed) (2001) *Emerging Views on Translation History in Brazil*. *Crop*, nº 6. São Paulo: Humanitas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- Monteiro, George (1994) "Fernando Pessoa: An Unfinished Manuscript by Roy Campbell", *Portuguese Studies*, 10, pp. 122-154.
- Monteiro, George (1996) *The Presence of Camões: Influences on the Literature of England, America, and Southern Africa*. (Studies in Romance Languages). Lexington, Kentucky: The University Press of Kentucky.



- Monteiro, George (1997) *The Presence of Pessoa: English, American and Southern African Literary Responses*. (Studies in the Romance Languages, 43). Lexington, Kentucky: University Press of Kentucky.
- Monteiro, George (1999) "Notes on Camões", *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, 8, pp. 7-15.
- Moser, Fernando de Mello (1994) "Luís de Camões em Inglaterra", *Discurso Inacabado. Ensaios de Cultura Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 193-230.
- Odber de Baubeta, P.A. (in press) "Translating Gil Vicente: Proverbs and Refrains".
- Paxeco, Fran (1937) *The Intellectual Relations between Portugal and Great Britain*. Lisboa: Editorial Império.
- Pedroso, Zófimo Consiglieri (1882) *Portuguese Folktales* collected by Consiglieri Pedroso and translated from the original manuscript by Miss Henriqueta Monteiro, with an introduction by W.R.S. Ralston. London: Published for the Folklore Society by Elliot Stock. Publications of the Folklore Society Volume 9.
- Perkins, Juliet (1993) "An Excerpt from *Labirinto de Creta* by António José da Silva ('o Judeu')", *Portuguese Studies*, 9, pp. 160-175.
- Perkins, Juliet (1996) "Translating António da Silva ('o Judeu')", *Theoretical Issues and Practical Cases in Portuguese-English Translation*. Edited by Malcolm Coulthard & P. A. Odber de Baubeta. Lewiston / Queenston / Lampeter: The Edwin Mellen Press, pp. 97-112.
- Pires, Maria Laura Bettencourt (1979) *Walter Scott e o Romantismo Português*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Pires, Maria Laura Bettencourt (1981) *Portugal visto pelos Ingleses*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Pontiero, Giovanni (1997) "The Risks and Rewards of Literary Translation", *The Translator's Dialogue*. Edited by Pilar Orero & Juan C. Sager. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 17-32.
- Pontiero, Giovanni (1997) "José Saramago and *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (*The Year of the Death of Ricardo Reis*); The Making of a Masterpiece and its Translation", *The Translator's Dialogue*. Edited by Pilar Orero & Juan C. Sager. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 33-47.
- Pontiero, Giovanni (1997) "Luso-Brazilian Voices: Anyone Care to Listen?" *The Translator's Dialogue*. Edited by Pilar Orero & Juan C. Sager. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 49-54.
- Pontiero, Giovanni (1997) "The Task of the Literary Translator", *The Translator's Dialogue*. Edited by Pilar Orero & Juan C. Sager. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 55-66.

- Pontiero, Giovanni (1997) "Critical Perceptions of José Saramago's Fiction in the English-Speaking World", *The Translator's Dialogue*. Edited by Pilar Orero & Juan C. Sager. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 67-83.
- Pound, Richard W. (1987) "Edgar Prestage's Correspondence", *Portuguese Studies*, 3, pp. 84-98.
- Prestage, Edgar (1893) "English Neglect of Portuguese Literature", *The Academy*, 43 (1101, 10 June 1893), p. 506.
- Prestage, Edgar (1909) *Portuguese Literature to the end of the 18<sup>th</sup> Century: being a lecture delivered at Manchester University on the 1<sup>st</sup> February 1909*. London: Sherratt & Hughes.
- Prestage, Edgar (ed) (1935) *Chapters in Anglo-Portuguese Relations*. Watford: Voss & Michael.
- Pym, Anthony (1998) *Method in Translation History*. Manchester: St Jerome Publishing.
- Reckert, Stephen (1993) *Beyond Chrysanthemums. Perspectives on Poetry East and West*. Oxford: Clarendon Press.
- Rose, Marilyn Gaddis (1997) *Translation and Literary Criticism. Translation as Analysis*. Manchester: St Jerome's Press.
- Sager, Juan & Pilar Orero (eds) (1997) *The Translator's Dialogue*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Saramago, José (1986) *A Jangada de Pedra*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Saramago, José (1994) *The Stone Raft*. London: Harvill.
- Sena, Jorge de (1981) "A Tradução Inglesa de *Os Maias*", *Estudos de Literatura Portuguesa I*. Lisboa: Edições 70, pp. 43-150.
- Serra, Pedro (1995) "The Government of a Wife: A Carta de Guia de Casados em Inglaterra nos Finais do Século XVII", *Revista da Biblioteca Nacional*, 1-2, pp. 35-94.
- Serra, Pedro Emanuel Rosa Grincho (1994) *A Casa do Descanso pelo Caminho da Prudência: A Imagem da Mulher Casada na Carta de Guia de Casados, 1651, e a sua Recepção em The Government of a Wife, 1697*. [texto policopiado]. Lisboa. Dissertação de mestrado em Estudos Anglo-Portugueses, apresentada à F.C.S.H. da UNL.
- Silva, João Paulo Ascenso Pereira da (1986) *Memórias de Portugal. A Obra Lusófila de John Adamson*. Lisboa. Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses, apresentada à F.C.S.H da UNL.
- Silva, João Paulo Ascenso Pereira da (1990a) *Memórias de Portugal. A Obra Lusófila de John Adamson*. Ponta Delgada: Eurosigno Publicações.
- Silva, João Paulo Ascenso (1990b) "John Stevens, Precursor da Lusofilia Romântica", *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, 1, pp. 9-28.
- Sousa, Maria Leonor (1978) *A Literatura "Negra" ou "De Terror" em Portugal (século XVIII e XIX)*. Lisboa: Editorial Novaera.

- Sousa, Maria Leonor Machado de (1980) *D. Inês e D. Sebastião na Literatura Inglesa*. Lisbon: Vega.
- Sousa, Maria Leonor Machado de (coord) (1985) *D. Sebastião na Literatura Inglesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Sousa, Maria Leonor Machado de (1987) *Inês de Castro: Um Tema Português na Europa*. Lisboa: Edições 70.
- Sousa, Maria Leonor Machado de (coord) (1992) *Camões em Inglaterra*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Thomas, Henry (1930) *English Translations of Portuguese before 1640*. Coimbra: Imprensa da Universidade (*separata*).
- Ticknor, George (1863) *History of Spanish Literature*, in three volumes. London: Trubner and Co.
- Tompkins, Jane (1985) *Sensational Designs: The Cultural Work of American Fiction 1790-1860*. Oxford: Oxford University Press.
- Toury, Gideon (ed) (1987) *Translation across Cultures*. New Delhi: Bahri.
- Venuti, Laurence (1998) *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*. London & New York: Routledge.
- Walter, Félix (1927) *La Littérature Portugaise en Angleterre à l'Époque Romantique*. Paris: Honoré Champion.
- West, George (1934) "The Work of W. J. Mickle", the First Anglo-Portuguese Scholar", *Review of English Studies*, 10.
- West, George (1938) "W. J. Mickle's Translation of *Os Lusíadas*", *Revue de Littérature Comparée*, 18.
- West, George (1971-72) "A Projecção de *Os Lusíadas* através das Traduções Inglesas", *Bracara Augusta*, 25-26.
- Zenith, Richard (ed) (1991) *Portugal. Translation: The Journal of Literary Translation. Portugal*. Vol. 25. New York: The Translation Center, Columbia University.
- Zenith, Richard (1994a) "A Tradução das Cantigas Medievais, ou a Arte de Saber Perder", *Colóquio-Letras*, April-September, pp. 6-11.
- Zenith, Richard (1994b) "Troubadour Poetry. Galicia-Portugal", *Modern Poetry in Translation*. Edited by Daniel Weissbort. New Series, n° 5, Summer. London: King's College London, pp. 6-31.
- Zenith, Richard (1995) *113 Galician-Portuguese Troubadour Poems in Galician-Portuguese and English*. Manchester: Carcanet.
- Zenith, Richard (1998) "Translating the *Cantigas* — how to lose gracefully", *Ondas do Mar de Vigo*. Actas do Simposio Internacional sobre a Lírica Medieval Galego-Portuguesa. Edited by Derek W. Flitter & Patricia Odber de Baubeta. Birmingham: University of Birmingham, Seminario de Estudios Galegos, pp. 124-131.



TOWARDS A HISTORY OF PORTUGUESE LITERATURE IN  
ENGLISH TRANSLATION.

Volume II: From the nineteenth century to the present day

*Helen Kelsh, University of Bristol*

The volume in preparation will describe and analyse the translation into English of nineteenth- and twentieth-century Portuguese literature. In line with recent approaches to Translation Studies, it will demonstrate, in the words of Theo Hermans, “an approach to literary translation which is descriptive, target-oriented, functional and systematic; and an interest in the norms and constraints that govern the production and reception of translations, in the relation between translation and other types of text processing, and in the place and role of translations both within a given literature and in the interaction between literatures” (Hermans 1985: 10-11).

In a letter to *The Academy* lamenting the English neglect of Portuguese literature, Edgar Prestage drew particular attention to the nineteenth century as a period which admirably demonstrates the wealth of this literature, a wealth of which the English-speaking world remained shamelessly ignorant (Prestage 1893). It is unlikely that he would have been greatly encouraged by the attention paid to twentieth-century Portuguese literature, and the general perception that Portugal has only one modern poet — Fernando Pessoa — and one novelist — José Saramago, borne out by the entries for Portuguese literature in the *Encyclopedia of Literary Translation into English* (Classe 2000). Whilst an ever-increasing number of Portuguese works of the past two centuries exist in English translation, very few of these have received much attention, either from critics or from the general reading public, a fact which may be attributed to the “unjustified

complacency and intolerable lack of curiosity about foreigners and alien cultures” of which Giovanni Pontiero accused the English (Pontiero 1997: 67). However, Pontiero did perceive the situation to be improving, albeit rather slowly (1997: 68).

*The Oxford Guide to Literature in English Translation* (France 2000) mentions and provides brief comment on the English translations of a small selection of Portuguese works, beginning with Eça de Queirós and concluding with José Saramago. The comments offered are, however, certainly not based on close readings of the translations, since misguided claims are made regarding some of these. For example, Roy Campbell’s translations of Eça de Queirós are described as “admirable work” when, in fact, his translation of *O Primo Basílio* was a clear mutilation of the original, transforming it into a decidedly mediocre novel (Kelsh 2000a; 2000b). The author also seems to have been unaware of the many other translators of Eça’s work, mentioning only Roy Campbell and Ann Stevens. *The Babel Guide to the Fiction of Portugal, Brazil & Africa in English Translation* (Keenoy et al 1995) also offers brief introductions to a selection of translated works, but its scope is limited and it does not attempt any form of critical analysis of the translations themselves.

Scholars in Portugal and the UK, as well as in the US, have occasionally undertaken studies of particular translations, or of the projection of particular Portuguese authors into the English-speaking world (Aiken 1998; Freeman 2000; Kelsh 2000a, 2000b). If we are to confine ourselves to the past two centuries (thereby excluding Camões) Pessoa is undoubtedly the most common subject of study, even making his way into the small group of authors selected by Harold Bloom as key figures within the Western Canon (Bloom 1994). No scholarly work to date, however, has painted a detailed picture of the past two centuries of Portuguese literature in English translation, based on close examination of the translators, the translations themselves, and the reception of these within the English-speaking world. The second volume of *A History of Portuguese Literature in English Translation* will do just that.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Volume I, being written by Dr Patricia Odber de Baubeta, will include a catalogue of all existing translations of Portuguese literature into English, a lengthy introduction setting out the objectives, parameters, theoretical framework and methodology of the research, and will examine the translations of Portuguese literature from its beginnings to the eighteenth century.

## Introduction: Choices

Looking at the broad picture of nineteenth- and twentieth-century literature in Portugal, the introductory chapter will begin by establishing what has been translated into English and what has not been translated. An attempt will be made to deduce possible criteria underpinning the selection procedure, looking at the types of works translated (the four categories established by Heloisa Gonçalves Barbosa in her doctoral thesis (1994) — “ambassadorial works”, “authorial works”, “consumer-oriented works” and “topical works” — may be useful here), when and by whom they were translated, where and by whom they were published. Where anthologies are concerned, translators’ or editors’ prefaces will shed useful light on the choices made. It has become apparent from an initial perusal of some of these prefaces that the choices are often a result of the personal preferences of those same translators or editors. This subjectivity may be couched in terms of an attempt to choose, for example, such works “as are most characteristic of their author, or most striking in themselves” (Prestage 1894) or may be more bluntly described as “a lucky dip (...) in the richly stocked bran-tub of Portuguese lyric poetry” (Downes 1947). For more recent publications, translators, editors and publishers may be consulted in person regarding their reasons for producing certain translations.

André Lefevere suggests that the formation of a canon of world literature is in the hands of translators and their publishers (Lefevere 1980), and his contention that the canonisation or non-canonisation of literary works is affected by “issues such as power, ideology, institution and manipulation” (Lefevere 1992: 2) will be evaluated in the specific context of Portuguese literature in English translation. Given the size and influence — both economic and cultural — of the English-speaking world, translation into English, in particular, can be considered a major step towards entry into the canon of world literature. It may be argued that Jose Saramago would never have won the Nobel prize were it not for the English translations of his novels, while conversely Miguel Torga might have been awarded the Nobel prize, for which he was nominated on more than one occasion, if more and better English translations of his work had existed. This suggestion raises the question of why one author was more favoured by translators and publishers than the other. Historical circumstances may have been an influential factor here, the censorship

of the *Estado Novo* keeping Torga's work from the centre of the Portuguese canon for a long period. Another question that arises at this point is whether canonical status in the source language is a prerequisite for translation, or whether, in some cases, the fact of being translated into another language may affect the canonical status of a work within its home literary system, as seems to have been the case for António Lobo Antunes (Zenith 1997). Only a detailed study of the totality of Portuguese literature in English translation will enable valid conclusions to be drawn on matters such as these.

A further issue to be investigated is the fact that very few major nineteenth-century works were translated before the second half of the twentieth century. The exceptions to this are therefore of particular interest. In the late nineteenth century the USA experienced a huge increase in demand for novels, and publishers found that the most economical way of meeting the demand was to publish translations of European novels (Tebbel 1975: 171). This probably accounts for Mary Serrano's translation of *O Primo Basílio*, published in 1889, and Roxana Dabney's translation of *Os Fidalagos da Casa Mourisca*, published in 1891. The other translator engaged in making nineteenth-century Portuguese works available to an English-speaking readership was Edgar Prestage, whose translations of Antero de Quental's sonnets and Almeida Garrett's *Frei Luis de Sousa* appeared in 1894 and 1909 respectively. Academics like Edgar Prestage and Aubrey Bell did a huge amount to make Portuguese literature accessible within the English-speaking world. To what extent this role was later taken on by other individuals or by small publishing houses and bodies responsible for the promotion of Portuguese culture is a factor that will be explored. The Portuguese Arts Trust, the Gulbenkian Foundation and the Instituto Camões have certainly done a great deal to promote Portuguese literature in the UK, and publishers such as Carcanet, Dedalus and Harvill currently publish a steady trickle of translations from the Portuguese.

In the twentieth century, one point to be discussed is the translation of women's writing. Certain works in this category may have been translated because of a drive to make women writers visible within national and world literary systems, or due to their highly controversial nature, as in the case of the *Novas Cartas Portuguesas*, which was published in English within three years of its publication in Portugal.



Another factor to be considered in this analysis of the texts chosen for translation is Even-Zohar's assertion that "texts are chosen according to their compatibility with the new approaches and the supposedly innovatory role they may assume within the target literature" (1990: 47). It is certainly the case, for example, that Griswold Morley believed the sonnets of Antero de Quental to possess qualities unknown in English poetry. In the preface to his translation of the sonnets he states that "the Portuguese are endowed with an intensity and profundity of emotion denied to many other peoples and, in addition, they possess the sure sense of form which one usually associates with the French race. Both of these gifts, together with a Germanic penchant for metaphysical speculation, are found in the extraordinary *Sonnets* of Antero de Quental" (Morley 1973). Edgar Prestage, the first to translate Antero's sonnets into English, was also aware of their "exceptional merit", but there may well have been other influences acting upon his choice of text for translation. His copious correspondence with Lusophile and Lusophone scholars, housed in the King's College Archive in London, includes a letter in which Sir Richard Burton makes suggestions of Portuguese works which Prestage might translate (Pound 1987).

In this introductory chapter, then, the interrelations between the English literary canon, the Portuguese foreign canon within the English-speaking world, and the Portuguese national canon will be traced. The theoretical basis for this analysis will already have been expounded in Volume I of the *History*, where a complete catalogue of translations will also be incorporated, but this chapter will apply the theory to the specific case of Portuguese literature of the nineteenth and twentieth centuries.

## **Section 1: Translators and Publishers**

The first chapter will focus on late nineteenth-century American translators, exploring the phenomenon of translations being used to meet the huge demand for novels in the United States towards the end of the nineteenth century (Tebbel 1975). Of particular interest is Mary Serrano, not least because of the introductory note to her translation of Eça's *O Primo Basílio*, which proves rather shocking to those concerned about fidelity to the original text:

In presenting this graphic picture of Lisbon life to the American public, the translator has assumed the respon-

sibility of softening here and there, and even at times of effacing, a line too sharply drawn, a light or shadow too strongly marked to please a taste that has been largely formed on Puritanic models, convinced (without entering into the question of how far a want of literary reticence may be carried without violating the canons of true art) that while the interest of the story itself remains undiminished, the ethical purpose of the work will thereby be given wider scope. (Queirós 1972: 5)

The intellectual biography of this translator merits investigation, taking into account all that is known about her background, all that she has written about the process of translation, and her broader translation activity itself (the years 1891 to 1895 witnessed the publication of Serrano's translations of no less than eight Spanish novels — by authors such as Alarcón, Pardo Bazán, Galdós and Valera). In an article entitled "A Plea for the Translator" (Serrano 1897), Serrano wrote of the imperative to remain faithful to the original text, even when this may shock the aesthetic senses or moral views of the translator. Such a stance is clearly contradicted by her approach to the translation of *O Primo Basílio* and her introductory note to this translation. A similar contradiction between theory and practice has been observed by Kabi Hartman in her analysis of Serrano's translation from the French of the journal of Marie Bashkirtseff, published in the same year as the translation of *O Primo Basílio* (1889). Hartman concludes that Serrano "fails to live up to her philosophy of mirroring, for her ideology of mollification creates a distorted 'reflection' of Bashkirtseff and her *Journal*" (Hartman 1999: 78). However, since the two translations referred to were published eight years prior to her statements about the translator's commitment to fidelity, the possibility of a development in her views must be allowed for. This could be explored by means of a close examination of the translations — most of which are from Spanish — completed by Serrano in the intervening years. Roxana Dabney's role as translator will also be examined in this chapter, as will the influence of scholars, such as George Ticknor and Henry Longfellow, and publishers such as William Ticknor, on the promulgation of Portuguese literature in the United States (Tompkins 1985). Although Longfellow was not very complimentary in his references to the Portuguese poetry of the first half of the nineteenth-century, he certainly established a very solid tradition of bringing foreign literature to the attention of the

English-speaking world, his major work being published on both sides of the Atlantic (Longfellow 1855).

Chapter two will look at the role of Lusophiles and Hispanists, examining the considerable contribution of figures like Edgar Prestage and Aubrey Bell to the dissemination of Portuguese literature in the English-speaking world. In addition to many articles on Portuguese literature, Bell wrote two key texts on the subject — *Studies in Portuguese Literature* (1914), *Portuguese Literature* (1922) — and also translated a selection of poems (1913) and the Queirós novel *A Relíquia* (*The Relic* [1915]). In addition, he produced a work that will be an essential resource for the compilation of the catalogue to be included in the present history: his *Portuguese Bibliography* (1922).<sup>2</sup> Edgar Prestage did a great deal to correct what he saw as the neglect of Portuguese literature in England. His translations included works by Fernão Lopes, Camões, Francisco Manuel de Melo and, of greater interest for the purposes of this chapter, Almeida Garrett, Antero de Quental and Eça de Queirós. Prefaces to these translations, such as that to the sonnets of Antero de Quental, where Prestage explains something of his priorities when translating this poetry, will be studied alongside Prestage's other writings, many of which deal with aspects of Portuguese literature. Another valuable source of information here will be Prestage's correspondence with other scholars and writers about work-related matters, as well as the letters of congratulation that he received on the publication of some of his translations (Pound 1987). Roy Campbell, although his approach is less scholarly than that of Prestage and Bell, will also be considered in this chapter since, to his translations of works by Camões, Pessoa, Antero de Quental, Francisco Bugalho, José Régio, Joaquim Paço d'Arcos and Eça de Queirós, he added a book about Portugal which included chapters on Portuguese literature. Also, like Prestage and Bell, he lived for an extended period in Portugal. His translations vary enormously in quality. A poet himself, he translated poetry with an obvious desire to do justice to the original text. Such was not the case with his prose translations, which appear to have been undertaken for purely financial reasons. Ironically, having described Eça de Queirós as "Portugal's greatest prose writer" (Monteiro 1994: 134), his incompetent translation of the brilliantly constructed and sharply yet affectionately satirical *O Primo Basílio* resulted in a novel which a review in the *TLS*

---

<sup>2</sup> This bibliography was updated by Carlos Estorninho in 1953.

dismissed as “not a great novel” but “a crisp, well constructed domestic drama of seduction and blackmail” (*TLS* 1953). The accusation of incompetence may seem a harsh one, but it is surely justifiable when we consider that Campbell’s translation cut out over one quarter of the novel, removing much of the psychological depth from the characters and undermining the social satire, and was hampered by linguistic ignorance leading to frequent ridiculous errors, such as the rendering of Luiza’s conclusion of an argument with her husband with the words “É preciso pôr um cobro” — meaning “We must put an end to this” — as “We’ll have to put on a table-cloth”. In spite of these shortcomings, however, it must be admitted that Campbell made a significant contribution to the presence of Portuguese literature within the English-speaking world.

Chapter three will consider the work of contemporary professional translators, such as Gregory Rabassa, Richard Zenith, the late Giovanni Pontiero and Margaret Jull Costa. All of these translators have been very open about the process of translation and a study of their approaches will be undertaken. Pontiero and Costa have both published on the challenges posed by translating Saramago (Pontiero 1997; Costa 1999). A comparative approach to their theoretical and practical approaches to translating the Nobel prize winner may be included here. Similarly, in 1991, Zenith and Costa both produced translations of Pessoa’s *Livro do Desassossego*, and a comparative study of their work could be undertaken, also bearing in mind Alfred MacAdam’s version, published in the same year. The relationship between translator and author — described by Saramago as “an exchange between two individual personalities which have to be complemented, and, above all, an encounter between two collective cultures which must acknowledge each other” (Pontiero 1997: 86) — will also be examined. In addition, translators will, where possible, be consulted about their work.

The final chapter of section one will briefly account for the other people involved in translation, including academics, poets and other creative writers. The main observations made in the preceding chapters will be pulled together here with the aim of establishing whether there has been any noticeable development in attitudes to the translation of Portuguese literature. A useful reference point when seeking to draw conclusions on this matter will be the descriptive study of changes in translation methods throughout the twentieth century, compiled by Lawrence Venuti and Mona Baker (Venuti 2000). The roles of translators, editors

and publishers in bringing Portuguese literature to the attention of the English-speaking world will be evaluated at this stage.

## Section 2: Authors and Their Works

Gideon Toury has made a strong case for the need to develop the branch of descriptive translation studies through detailed analysis of the facts available, namely the translations themselves (Toury 1995). This section will undertake just such a descriptive approach to the process of translation, through a series of detailed studies of the texts.

Chapter five will focus on the nineteenth-century Romantics, carrying out a close analysis of Prestage's translation of Garret's *Frei Luis de Sousa* (1909), bearing in mind the specific problems posed by the translation of drama (Törnquist 1991). Also to be submitted to close examination here are Parker's version of *Viagens na Minha Terra* (1987), the translation of Júlio Dinis's *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (translated by Dabney in 1891) and the two novels by Camilo Castelo Branco that currently exist in translation: *A Queda dum Anjo* (Clough 1991) and *Amor de Perdição* (Clemente 2000). If Isabel Almeida's forthcoming translation of *A Queda dum Anjo* is available in time, it will also be examined. Detailed comparative readings of source and target language texts will seek to highlight particular challenges posed by different authors and texts and the ways in which these have been tackled by the translators. John Parker, in the introduction to his translation of *Viagens na Minha Terra*, refers to the stylistic choices to be made by the translator of "any work belonging to an earlier century" (Garrett 1987) and Alice Clemente, in the preface to her translation of *Amor de Perdição*, comments on the particular challenges posed by Camilo, whose translator must negotiate "the range of the author's linguistic registers" and tread "the fine line between lyricism [...] and the sarcasm and irony of the author's satire" (Castelo Branco 2000).

Chapter six will explore the realm of poetry translation, by focusing on a selection of poets whose works have been translated on different occasions by different translators. The variety of approaches to solving the unique problems of translating verse will be examined, with reference to existing scholarship in this area of translation studies (Pound 1931; Atlas 1973; Paz 1992; Bassnett 1998). One area to be explored is the way in which professional poets, such as Ruth Fainlight, Jonathan Griffin and Roy Campbell, have undertaken the task of translating poetry,

and whether the works they choose to translate bear any resemblance to, or exert any influence upon their own works. Jonathan Griffin has published on the process of translating poetry, claiming the existence of “uma semelhança essencial entre a interpretação da música e a tradução de poesia” and asking the fundamental question “É possível ser-se fiel ao conteúdo global de um poema em língua estrangeira sem ser fiel à sua forma?” (Griffin 1982). Ruth Fainlight also provides an interesting angle for investigation, having published in 1980 a collection of original poems entitled *Sibyls and Others* (Fainlight 1995: 71-153) and then in 1988 a translation of Sophia de Mello Breyner Andresen’s poem “Sibilas” (Fainlight 1995: 296). An initial reading of the two reveals parallels in theme and imagery, raising the question of when Fainlight first read Sophia’s poem (which was first published in 1950) and whether her own work may have been influenced by it.

Key poets to be considered for inclusion in this chapter are Antero de Quental (translated by Prestage, Morley, Morland, Downes, Campbell, Zenith and Bell), Eugénio de Castro (translated by Bell and Downes), Joaquim Paço d’Arcos (various translators, mostly scattered in anthologies), Sophia de Mello Breyner Andresen (translated by Longle, Fainlight, Griffin, Levitin, Sapinkopf and Zenith), Jorge de Sena (translated by Griffin, Longland, Brooksmith, Monteiro, and others) and Eugénio de Andrade (translated by Brooksmith and Levitin). The numerous translations of Pessoa’s poetry will not be included here since Pessoa has already made his way into the English-language canon, and his translated works have thus been the object of frequent study. Stephen Reckert talks of “foreign readers coerced into taking notice by a hard sell of Fernando Pessoa, implying that [...] Portugal has only ever had one poet: a marketing strategy at once demeaning to the literature as a whole and unjust to such predecessors and contemporaries of Pessoa’s as Cesário Verde and Camilo Pessanha” (Reckert 1993: 9-10).

Chapter seven will look solely at the works of Eça de Queirós. This author merits a chapter apart because of his canonical status in the source culture and the fact that his works have been repeatedly translated between 1889 and the present day. Indeed, further translations of his works, stimulated by celebrations of the centenary of his death, have recently been completed by the likes of Alison Aiken and Margaret Jull Costa. Costa is currently working with the Dedalus publishing house to bring out a translation of one of Eça’s novels each year until 2005. The

range of translators of this author provides ample material for an in-depth study of different methods of translation. In some cases the original texts have been seriously bowdlerised (Serrano and Campbell). In others, a wide range of attempts have been made to do justice to the style and wit of this outstanding novelist. In 1981, Jorge de Sena published a paper criticising the English translators of Eça for failing to tailor their translations to the author's unique style, preferring the easy option of picking out an off-the-peg style from the selection offered by their own literature, a process which has tended to present Eça to the English reader as a lesser Dickens. The distinctive problems that Eça's work poses for the translator will be examined here alongside the wide variety solutions employed. One characteristic of the Queiroisian style, often employed to ironic effect, is his unconventional use of adverbs and adjectives. For example, in *A Cidade e as Serras*, a description of the stylish yet supremely superficial Madame d'Oriol tells us that "No inverno, logo que na amável cidade começavam a morrer de frio, debaixo das pontes, criancinhas sem abrigo — ela preparava com comovido cuidado os seus vestidos de patinagem" (Queirós 1980b: 106). The ironic intentions behind the choice of the adjective "comovido" are sadly lost in Roy Campbell's version: "... she prepared her skating costumes with the greatest of care" (Queirós 1955). The effect of the original may, perhaps, be approximated by "...she felt moved to apply herself to the careful preparation of her skating costumes", but the structure loses the neat simplicity of Eça's version, and the originality of his choice of adjective. Particular attention will be paid in this chapter to the translation of humour. A further example will serve to illustrate the translator's — in this case Margaret Jull Costa — decision to sacrifice some of the humour in favour of a more natural English expression. This time the novel is *A Relíquia* and Theodorico has just been introduced to his aunt and told "É necessario gostar muito da titi... É necessario dizer sempre que *sim* á titi!" His aunt then exclaims in horror that she thinks someone has put oil on Theodorico's hair, and the boy's first words to her are a very timid "Sim, titi" (Queirós 1918: 8), a refrain which is repeated throughout the novel with a clearly comic effect. Margaret Jull Costa translates the initial advice given to Theodorico as "You must always love her and always do as she tells you." (Queirós 1994: 16), and the "Sim, titi" a few lines later as "Yes, they did, Auntie", thereby weakening the comic refrain here and undermining its effect as it is repeated throughout the novel. Aubrey Bell, in his

translation of the same novel, opted for a more literal translation of this section — “you must always say yes to Auntie”, and Theodorico’s “Yes, Auntie” (Queirós 1954: 13) — thereby maintaining the humour. These isolated examples merely give a flavour of the kind of problem to be examined in chapter seven.

Chapter eight will focus on translations of contemporary fiction, examining a selection of contemporary novels and short stories. Authors to consider for inclusion are José Rodrigues Miguéis, David Mourão-Ferreira, Miguel Torga, Jorge de Sena, José Cardoso Pires, António Lobo Antunes, Lídia Jorge and Mário de Carvalho. The work of José Saramago would be excluded for reasons similar to those mentioned for excluding Pessoa from chapter 6, and also because the specific problems posed by translating his work have been commented on by Giovanni Pontiero and Margaret Jull Costa and will, therefore, be referred to in chapter 3. In each of the detailed studies carried out in this and the preceding three chapters, attention will be paid to the use of glossaries, footnotes and explanations in brackets (processes which make the translator visible) and also to cases of amplification and omission. A major question to be considered is to what extent a translator is willing to sacrifice the subtlety of the original text for the sake of readability. Where one person has produced translations of different works, it should also be possible to talk in terms of consistent stylistic preferences and choices.

### **Section 3: Reception**

In the words of Ria Vanderauwera, “It is not an idle question to ask what actually happened to them. Were they advertised, distributed, reviewed, sold, read? Did they receive any response?” (Vanderauwera 1985) The concluding chapter will look at the reception of nineteenth- and twentieth-century Portuguese literature in the United Kingdom and the United States. A thorough survey of all potential sources of critical response to the published translations will be carried out and, where possible, publishing houses will be consulted about advertising and sales. All of the information gathered will be used to paint as complete a picture as possible of the extent to which Anglo-American culture has embraced the Portuguese literature of the last two centuries, and conclusions will be drawn about the role of Portuguese literature within the Anglo-American literary (poly)system.



## References

- Bell, Aubrey (1913) *Poems from the Portuguese*. Oxford: Blackwell.
- Aiken, Alison (1998) "Eça in English Translation: Some Treasures and Some Travesties", *Portuguese Studies*, 14: 92-103.
- Atlas, James (1973) "On Translation", *Poetry Nation*, 1. Manchester: University of Manchester, pp. 102-111.
- Barbosa, Heloisa Gonçalves (1994) *The Virtual Image: Brazilian Literature in English Translation*. Ph.D. Thesis, University of Warwick: Centre for British and Comparative Cultural Studies.
- Bassnett, Susan (1998) "Transplanting the Seed: Poetry and Translation", *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation*. Edited by Susan Bassnett & André Lefevere. Clevedon: Multilingual Matters, pp. 57-75.
- Bell, Aubrey (1922) *Portuguese Literature*. Oxford: Clarendon.
- Bell, Aubrey (1914) *Studies in Portuguese Literature*. Oxford: Blackwell.
- Bell, Aubrey (1922) *Portuguese Bibliography* London: Oxford University Press. For Hispanic Society of America.
- Bloom, Harold (1994) *The Western Canon*. New York: Harcourt Brace.
- Branco, Camilo Castelo (1991) *The Fall of An Angel*. Translated by Samuel Dennis Proctor Clough. Translator's edition.
- Branco, Camilo Castelo (2000) *Doomed Love*. Translated by Alice R. Clemente. Providence, R. I.: Brown University, Gávea-Brown Publications.
- Campbell, Roy (1985) *Collected Works*. Craighall: A. D. Donker. 4 volumes.
- Classe, Olive (2000) *Encyclopedia of Literary Translation into English*. 2 Volumes. Edited by Olive Classe. London and Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers.
- Costa, Margaret Jull (1999) "On Translation, and on Translating Saramago in Particular", *Portuguese Studies*, 15, pp. 207-215.
- Dinis, Júlio (1891) *The Fidalgos of Casa Mourisca*. Boston: Lothrop.
- Downes, Leonard S. (1947) *Portuguese Poems and Translations*. Lisbon.
- Estorninho, Carlos (1953) "Portuguese Literature in English Translation", *Portugal and Brazil. An Introduction made by Friends of Edgar Prestage and Aubrey Bell in Memoriam*. Edited by H.V. Livermore and W. J. Entwistle, Oxford: Clarendon, pp. 129-138.
- Even-Zohar, Itamar (1990) "The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem", *Poetics Today* 11.1, pp. 45-51.
- Fainlight, Ruth (1980) *Sibyls and Others*. London: Hutchinson.
- France, Peter (ed) (2000) *The Oxford Guide to Literature in English Translation*. Oxford University Press, pp. 441-443.

- Freeman, Michael (2000) "Fernando Pessoa", *Encyclopedia of Literary Translation into English*. Volume 1. Edited by Olive Classe. London and Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers, pp. 1066-1067.
- Garret, Almeida (1987) *Travels in My Homeland*. Translated by John M. Parker. London: Peter Owen.
- Garrett, Almeida (1909) *The "Brother Luiz de Sousa" of Viscount de Almeida Garrett/done into English by Edgar Prestage*. London: Elkin Matthews.
- Griffin, Jonathan (1982) "Reflexões dum tradutor sobre os problemas da versão literária", *Colóquio / Letras*, 65, pp. 21-27.
- Hartman, Kabi (1999) "Ideology, Identification and the Construction of the Feminine: *Le Journal de Marie Bashkirtseff*", *The Translator*, 5, n° 1: 61-82.
- Hermans, Theo (1985) *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. London & Sydney: Croom Helm.
- Keenoy, Ray, David Treece & Paul Hyland (1995) *Babel Guide to the Fiction of Portugal, Brazil and Africa in English Translation*. London: Boulevard.
- Kelsh, Helen (2000a) 'O Primo Basílio no mundo anglo-saxónico'. Paper delivered at Congresso de Estudos Queirosianos, Universidade de Coimbra, 6<sup>th</sup>-8<sup>th</sup> September.
- Kelsh, Helen (2000b) "O Primo Basílio" in the English-speaking world: voyeurism or moralism?" Paper delivered at *Eça de Queirós Astride the Millenium*, University of Bristol, 16<sup>th</sup>-17<sup>th</sup> November.
- Lambert, José & Van Gorp, Hendrik (1985) "On Describing Translations", *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. Ed. Hermans. London & Sydney: Croom Helm, pp. 42-53.
- Lefevere, André (1980) "Theory and Practice — Process and product", *Modern Poetry in Translation*. London: MPT.
- Lefevere, André (1992) *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London & New York: Routledge.
- Longfellow, Henry W. (1855) *The Poets and Poetry of Europe*. New York: C. S. Francis & Co. / London: S. Low, Son, & Co.
- Monteiro, George (1994) "Fernando Pessoa: An Unfinished Manuscript by Roy Campbell", *Portuguese Studies*, 10: 122-154.
- Morley, S. Griswold (1973) "Preface" *Sonnets and Poems of Anthero de Quental*. Westport, Connecticut: Greenwood Press. First published by the University of California Press, Berkley, 1922.
- Paz, Octavio (1992) "Translation: Literature and Letters". Translated by Irene del Corral. *Theories or Translation: An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Edited by Rainer Schultze and John Biguenet. Chicago and London: University of Chicago Press. PP. 152-162.

- Pontiero, Giovanni (1997) "Critical Perceptions of José Saramago's Fiction in the English-Speaking World", *The Translator's Dialogue*. Edited by Pilar Orero & Juan C. Sager. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 67-83.
- Pound, Ezra (1931) *How to Read*. London: Desmond Harmsworth.
- Pound, Richard W. (1987) "Edgar Prestage's Correspondence". *Portuguese Studies*, 3: 84-98.
- Prestage, Edgar (1893) "English Neglect of Portuguese literature", *The Academy*, 43, p. 506 (1101, 10 June 1893).
- Prestage, Edgar (1894) *Anthero de Quental: Sixty-Four Sonnets Englished by Edgar Prestage*. London: David Nutt.
- Prestage, Edgar (1953) "Reminiscences of Portugal", *Portugal and Brazil. An Introduction made by Friends of Edgar Prestage and Aubrey Bell in Memoriam*. Edited by H.V. Livermore and W. J. Entwistle. Oxford: Clarendon, pp. 1-11.
- Prestage, Edgar (1999) *Portuguese Literature*. Transcribed by José Miguel D. L. Pinto dos Santos. Published in the Internet version of the *Catholic Encyclopedia*, at <http://www.newadvent.org/cathen/1307a.htm>.
- Queirós, Eça de (1972) *Dragon's Teeth*. Translated by Mary Serrano, Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1972 (reproduction of 1889 edition published by Ticknor and Company, Boston).
- Queirós, José Maria Eça de (1918) *A Relíquia*. Porto: Chardron. First published 1887.
- Queirós, José Maria Eça de (1953) *Cousin Basílio*. Translated by Roy Campbell. London: Max Reinhardt.
- Queirós, José Maria Eça de (1954) *The Relic*. Translated by Aubrey Bell. London: Max Reinhardt. First published New York: Knopf, 1915.
- Queirós, José Maria Eça de (1955) *The City and the Mountains*. Translated by Roy Campbell. London: Reinhardt.
- Queirós, José Maria Eça de (1980a) *O Primo Basílio*. Porto: Lello & Irmão. First published 1878.
- Queirós, José Maria Eça de (1980b) *A Cidade e as Serras*. Porto: Lello & Irmão. First published Porto: Chardron, 1901.
- Queirós, José Maria Eça de (1994) *The Relic*. Translated by Margaret Jull Costa. Sawtry: Dedalus.
- Reckert, Stephen (1993) *Beyond Chrysanthemums. Perspectives on Poetry East and West*. Oxford: Clarendon Press.
- Sena, Jorge de (1981) "A Tradução Inglesa de Os Maias", *Estudos de Literatura Portuguesa — I*. Mércia de Sena: Edições 70, 1981, pp. 143-150.
- Serrano, Mary (1897) "A Plea for the Translator", *The Critic*, 25 September 167-8.

- Tebbel, John (1975) *A History of Book Publishing in the United States, Volume II: The Expansion of an Industry 1865-1919*. New York & London: R. R. Bowker.
- Times Literary Supplement* (1953) 20 November.
- Tompkins, Jane (1985) *Sensational Designs: The Cultural Work of American Fiction 1790-1860*. Oxford: Oxford University Press.
- Törnqvist, Egil (1991) *Transposing Drama: Studies in Representation*. London: MacMillan.
- Toury, Gideon (1995) *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Philadelphia, PA & Amsterdam: John Benjamins.
- Vanderauwera, Ria (1985) "The Response to Translated Literature: A Sad Example". *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. Ed. Theo Hermans. London & Sydney: Croom Helm.
- Venuti, Lawrence & Baker, Mona (eds) (2000) *The Translation Studies Reader*. London & New York: Routledge.
- Walter, Félix (1927) *La Littérature Portugaise en Angleterre à l'Époque Romantique*. Paris: Honoré Champion.
- Zenith, Richard (1997) "All in the family: the vicissitudes of literary life in Portugal", *TLS* October 17, p. 26.

## QUATRO SONETOS DE ROBIN

Miguel Alarcão

*“A tua cor é o verde e verde este punhal  
eternamente sem destino [...]”*<sup>1</sup>

O levantamento, a inventariação e análise dos elementos constitutivos da recepção e divulgação de Robin Hood em Portugal permanecem ainda por fazer; no plano literário, por exemplo, tal estudo permitiria eventualmente apurar se, conforme sucedeu em Inglaterra, o herói teria conhecido entre nós uma circulação e difusão a nível do público leitor adulto e não apenas infanto-juvenil.<sup>2</sup> Além das aproximações anglo-portuguesas susceptíveis de ser estabelecidas entre o lendário fora-da-lei medieval e a figura comprovadamente histórica de José do Telhado,<sup>3</sup> um projecto centrado em Robin Hood justificaria plenamente abordagens pluridisciplinares ou multidisciplinares que, a montante e jusante da esfera literária, contemplassem, entre outros, os campos antropológico, sociológico, da mitologia, do imaginário e do discurso políticos.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Miguel Serras Pereira, “Primeiro Verso” in *Todo o Ano*, s.l., Limiar, “Os Olhos e a Memória”, n.º 50, 1990, p. 13.

<sup>2</sup> Miguel Alarcão, *Príncipe dos Ladrões: Robin Hood na Cultura Inglesa (c.1377-1837)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, “Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas”, 2001, pp. 406-417 *passim*.

<sup>3</sup> Eduardo de Noronha, *José do Telhado. Romance baseado sobre factos históricos*, 4ª ed., Porto, Editorial Domingos Barreira, s.d.

<sup>4</sup> “Liderada por um grupo de ricos corretores bolsistas de *Wall Street*, e fundada em 1988, a Fundação Robin dos Bosques é o símbolo da nova moda da filantropia, os ‘cartéis’ para a caridade, um movimento que se traduz em encarar a gestão dos dinheiros doados como se de fundos de uma empresa se tratasse [...]. As novas associações asseguram maior eficiência à acção social. Mas garantem que retiram imediatamente o seu apoio, em caso de administração

No que toca à literatura, parece consensual sublinhar que esse eventual estudo teria forçosamente de incluir textos de índole e veiculação diversificadas, desde a publicação, através ou não do periodismo, de contos, novelas e romances históricos à literatura de cordel e à banda desenhada, procurando reconstituir os círculos editoriais e de distribuição mais estreita, directa e recorrentemente envolvidos na constituição de “bibliotecas de rapazes e raparigas”, para usar os nomes de duas conhecidas colecções da Portugália Editora. Haveria igualmente que constituir bases de dados de originais, traduções, adaptações e versões, identificando e indicando, sempre que possível, autores, textos e fontes intermediários, bem como preferenciais públicos-alvo a nível etário ou outro, e procurando articular a certamente flutuante fortuna do fora-da-lei com períodos, correntes, movimentos e sensibilidades literário-culturais e possíveis objectivos formativo-educacionais, ideológicos ou outros.

Entre os autores e as obras publicados em língua portuguesa que tal pesquisa traria fatalmente a lume contar-se-iam, por exemplo, Sir Walter Scott,<sup>5</sup> Howard Pyle,<sup>6</sup> Marcel D’Isard<sup>7</sup> e Geoffrey Trease,<sup>8</sup> perfilados todos eles à cómoda distância de um apressado olhar. Enquanto este projecto se não materializa, apresentamos, a título de aperitivo, “Quatro sonetos de robin”,<sup>9</sup> porventura menos conhecidos da comunidade científica dedicada aos Estudos Ingleses e Anglo-Portugueses e mesmo do público leitor em geral, dada a restrita impressão da obra em que se integram (600 exemplares). Outro tanto não se poderá já escrever do seu autor: Miguel Serras Pereira, nascido no Porto em 1949,

---

descuidada do dinheiro doado.” (“Robin dos Bosques à americana” in *Visão*, nº 380, 21-28.06.2000, p. 119; este artigo menciona também a colaboração dada à Fundação pela conhecida actriz Gwyneth Paltrow).

<sup>5</sup> *Ivanhoe*. Adaptação e revisão de Serafim Ferreira, Lisboa, Círculo de Leitores, s.d.

<sup>6</sup> *Robin dos Bosques*. Tradução portuguesa de Álvaro Garcia Fernandes, 8ª ed., Porto, Livraria Civilização-Editora, “Histórias para a Juventude”, 1982 (1958).

<sup>7</sup> *O Filho de Robin dos Bosques*. Tradução de Jaime Mas, Venda Nova, Livraria Bertrand, SARL/ Editorial Ibis, Lda., “Histórias”, nº 40, s.d.

<sup>8</sup> *Setas contra os Barões*. Tradução de José Oliveira, Lisboa, Editorial Caminho, S.A., “Caminho Jovens”, nº 13, 1989 (*Bows against the Barons*, 1966).

<sup>9</sup> In *O Mar a Bordo do Último Navio*, Lisboa, Fenda Edições, Lda., 1998, pp. 17-20. Os textos encontram-se numerados de I a IV, figurando cada qual em sua página, pelo que abreviaremos a referenciação para os respectivos números do(s) soneto(s), do(s) verso(s) e da(s) página(s) relevantes. A obra inclui curiosamente três poemas dedicados a outros tantos docentes da nossa Faculdade: Nuno Júdice (“Frente a frente”, pp. 14-15), Almeida Faria (“Alternativa”, p. 39) e Tito Cardoso e Cunha (“Só a verdade”, p. 48).

licenciado em História pela Faculdade de Letras de Lisboa, jornalista, ensaísta e crítico,<sup>10</sup> tradutor<sup>11</sup> e, como veremos, poeta.<sup>12</sup>

Independentemente da leitura dos textos em apreço como um poema em quatro andamentos sequenciais ou uma tetralogia, cumpre notar desde logo o ‘desvio’ praticado face às ‘normas’ formais (e às formas normais) da tradição sonetística portuguesa;<sup>13</sup> na verdade, estes quatro textos caracterizam-se por uma quase integral predominância do verso branco, bem como pela irregularidade métrica (9-14 sílabas) e mesmo pela transgressão (ou reinvenção) estrófica, se tivermos em conta as três quadras e o terceto que compõem o último ‘soneto’. Esta aparente opção por marginais desvios verifica-se igualmente no plano das concordâncias verbais e da sintaxe, sujeita a ocasionais hipérbatos ou anástrofes, devendo igualmente apontar-se a existência de algumas dispensáveis cacofonias.

Estes quatro sonetos configuram um diálogo amoroso entre um sujeito de enunciação na 1ª pessoa e um “tu” implícito, a que por vezes se alude através das formas pronominais de complemento (“ti”, “te” e “vos”); o concomitante recurso aos possessivos “vossos” e “vossa” (arcaizantes porque aplicados a uma 2ª pessoa

---

<sup>10</sup> Além da colaboração dispensada, sobretudo desde a década de setenta, a jornais e revistas como, por exemplo, *Diário de Lisboa*, *A Capital*, *Vida Mundial*, *Diário de Notícias*, *Combate*, *Jornal de Letras*, *Expresso*, *Público*, *A Ideia*, *A Luta*, *Gazeta da Semana*, *A Batalha*, *Abril* e *Raiz e Utopia*, Miguel Serras Pereira é autor, entre outros, dos seguintes volumes de ensaios: *Novas Bárbaras* (com Maria Regina Louro, 1979), *Outra Coisa. Poesia, Psicanálise e Política — Algumas Linhas* (1983), *Da Língua de Ninguém à Praça da Palavra* (1998), *O Poema em Branco (Improvisos Críticos)* (1999) e *Exercícios de Cidadania. Algumas Propostas e Leituras* (1999). A amplitude e o ecletismo das referências e dos horizontes intelectuais de Serras Pereira transparecem, aliás, dos títulos que, como autor e/ou tradutor, se lhe acham creditados (cf. nota seguinte), quase todos situados na área das ciências humanas e sociais, da literatura à crítica literária, da história das ideias à psicanálise, do comentário político a uma mais vasta reflexão cívica.

<sup>11</sup> Não avançaremos exemplos, uma vez que, segundo pesquisa bibliográfica realizada na Porbase no passado dia 18 de Julho, as traduções compõem a esmagadora maioria dos 232 títulos registados; ainda assim, recorde-se que Serras Pereira foi já distinguido com o Grande Prémio de Tradução, atribuído pela Associação Portuguesa de Tradutores (APT).

<sup>12</sup> *Innumerações* (1980), *Em Parte Incerta* (1981), *Corça* (1982), *As Diferenças no Corpo* (1983), *Todo o Ano* (1990) e *Trinta Embarcações para Regressar Devagar* (1993), além, naturalmente, de *O Mar a Bordo do Último Navio* (1998). Em 1969, com apenas vinte anos, Miguel Serras Pereira, então profundamente envolvido na luta pelo associativismo académico, receberia o Prémio de Poesia Almeida Garrett (categoria de Revelação) concedido por um júri no qual pontificavam Eugénio de Andrade e Óscar Lopes.

<sup>13</sup> Duas quadras e dois tercetos decassilábicos com rima abba/abba/cdc/dcd ou, em alternativa aos tercetos, cde/cde.

do singular) visará porventura sugerir ou criar o efeito de serviço, vassalagem ou mesura, para o qual concorrem também a apropriação imaginativa de “[...] toda essa estranha idade média [...]” (I, 2, p. 17) e a celebração pessoal e poética de uma “[...] gesta [...]” (I, 12, *ibidem*). Apropriação e celebração lúdicas; jogo identitário de espelhos e máscaras, anunciado no “[...] cabide de aluguer [...]” (I, 1, *ibidem*) e no “[...] traje de robin [...]” (I, 4, *ibidem*) que uma “[...] tão longa deambulação por outras eras [...]” (I, 6, *ibidem*) permitiu recuperar.

Uma questão que se ergue de modo incontornável é, sem dúvida, a insistente minúsculação do nome próprio,<sup>14</sup> talvez porque, não obstante as (auto-)identificações,<sup>15</sup> a apropriação poética de Robin Hood e a conseqüente pessoalização da gesta dissociem o sujeito de enunciação de uma personagem literária, lendária e mítica claramente pretextual. Refira-se, a propósito, que a exploração temática e discursiva da isotopia<sup>16</sup> do amor, aqui empreendida por Miguel Serras Pereira, tardaria em aparecer no ciclo robiniano, materializada na relação Robin/Marian, aparentemente tributária do mundo do folclore, daí se espraiando pelas criações dramatúrgica, poética, narrativa e pictórica a partir da transição dos séculos XVI-XVII.<sup>17</sup> Nos textos de Serras Pereira, contudo, o envolvimento e o jogo amorosos entre um “eu” (robin? Ou um outro “eu” que pontualmente o interpela?) e um “tu” (marian?) estendem-se do preliminar soneto I ao seguinte, para cujas sensorialidade e sensualidade muito contribui um vocabulário eminentemente táctil (“seios”, “dedos”, “carne” e “beije”) e no qual figuram lexemas sugestivos de ambiências florestais (“ervas”, “rio”) e do próprio ciclo (como o “arco” que, retesando-se ou distendendo-se, poderá talvez ser tomado como um símbolo fálico). Por sua vez, o terceiro e o quarto sonetos, matizados, respectivamente, por um tom prospectivo e retrospectivo patente na escolha dos tempos e das formas verbais, acentuam as notações florestais de II, alargando paralela e

---

<sup>14</sup> Cf. I, 4 e 13, p. 17; II, 1 e 9, p. 18; III, 2 e 13, p. 19 e IV, 13, p. 20, além da ocorrência, neste último soneto, da nomeação completa de “robin dos bosques” (IV, 5, p. 20).

<sup>15</sup> “Quanto a robin se me procuras ei-lo/outro de só por esperar-vos tanto/trocar a sua própria semelhança” (II, 9-11, p. 18).

<sup>16</sup> Apesar do favorecimento de “hipograma”, em sugestão gentilmente formulada pelo Prof. Doutor Carlos Ceia, a quem publicamente agradecemos, optou-se por manter “isotopia”, visto tratar-se de um termo mais utilizado e universalmente compreendido.

<sup>17</sup> Cf. Miguel Alarcão, *op. cit.*, pp. 168-169 e cap. III, *passim*.



significativamente o leque vocabular robiniano e medievalizante.<sup>18</sup> Em síntese, estes sonetos falam-nos, com melancólica nostalgia, da errância e evanescência do desejo; de fugidios encontros e talvez imaginadas(árias) consumações; de busca, de posse e de perda, de promessa e de dúvida; desses instantes de efêmera eternidade com que se (d)escreve o amor.

---

<sup>18</sup> Assim “floresta” (III, 2 e 12, p. 19), “mastins” (III, 3, *ibidem*), “flechas” (III, 5, *ibidem* e IV, 1, p. 20), “arco” (III, 5, p. 19 e IV, 1 e 13, p. 20), “corças” (III, 7, p. 19), “punhais” (III, 8, *ibidem*) e “alvo” (IV, 14, p. 20). Os signos “punhal”, “arco” e “flecha” ocorrem igualmente nos poemas “Meia Lua”, “No Centro da Cabeça” e “Todo o Ano — XXIX”, todos eles incluídos em *Todo o Ano* (1990, p. 32, p. 34 e p. 45).



## RECENSÃO CRÍTICA

Lewis Carroll, *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Alice do Outro Lado do Espelho*. Translated by Margarida Vale do Gato. Lisbon: Relógio d'Água, 2000. (320 pages)

Paul Melo e Castro  
University of Birmingham, England

It has often been said that there are two broad approaches to literary translation. The first seeks to render the source text into the target language as faithfully as possible, following the text, wherever feasible, to the letter. The other uses the original as a jumping-off point to create what can be tantamount to a new work. Whether a translator belongs to one camp or the other is often more than a question of personal preference, depending upon what the translator is aiming to produce or has been asked to produce. Furthermore, some works are particularly difficult due to their manifold natures. During the course of *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Alice do Outro Lado do Espelho's* narratives, for instance, the text slips in and out of text-types such as morals, narrative, dialogue, original poetry, parody and punning.<sup>1</sup> *Alice* also functions on various different levels, determined largely by the age of the reader, as befits what some have described as “every adult’s favourite children’s book”. It would seem to be stretching ambition to attempt to include the whole of Wonderland in one translation, and foreign publishing houses tend to overcome this hurdle by developing a range of translation to satisfy the different possible readerships. This almost seems to be de facto editorial policy. In the case of Margarida Vale de Gato’s *Alice* it would appear that the objective is to present faithfully a Victorian literary artefact to a readership

---

<sup>1</sup> Maria Cristina Schleder de Borba, “Text diversity, intertextuality and parody in Wonderland”, *Fragmentos*, 9, nº1 (jan-jun. 1999), pp 15-22.

of mainly adult Portuguese who might have an interest in the author, the era, or children's literature in general. As Chris Heffer says "Many audiences expect translations of literary classics to convey exactly what was written in the original"<sup>2</sup> and this translation seems to have been produced with this in mind. Introducing a perennial favourite to a new generation does not seem to be a prime concern. This is understandable since Portugal has been well served since the mid-30s with bowdlerised versions of *Alice* produced exclusively for children, while interested adult readers had to wait until 1971 and Manuel João Gomes's translation for the first unabridged *Alice* for grown-ups, complete with an in-depth psychoanalytical commentary. However, since Carroll scholars and commentators have considered the majority of the adult-orientated translations inadequate,<sup>3</sup> and with a view to *Alice*'s canonical status in world literature, it is perhaps natural that current translations should be orientated toward a more adult readership.

The Victorian bias of this translation can be seen before even opening the book. On the front cover pride of place is given to Sir John Tenniel's Punch-style illustrations depicting a very Victorian, very archetypal "English-rose" Alice, while the back cover is dominated by an excerpt from Lewis Carroll's 1886 preface. As María del Carmen Millán-Varela says in relation to translations of *Alice*: "from the type of illustration chosen, we can observe a tendency towards preserving the original features of the source text, that is, its remoteness in both time and space".<sup>4</sup> From the outset, the author and his epoch seem to take precedence over whatever is universal in the story. It is interesting to note in the translation that although the characters are speaking in Portuguese, they pull each other up on the quality of their *English* whenever they find whatever is said unfathomable. It is always made very obvious in the text that Wonderland is situated somewhere below England. This distances the Portuguese reader from the text, having the neat effect of explaining away anything a child would perhaps not understand as foreign and reminding adults that they are reading a foreign classic. "Here" always refers to England and, as fanciful as Wonderland becomes, the

---

<sup>2</sup> Chris Heffer, "«Sowing sounds and reaping sense» in Italian translations of Alice", *Fragmentos*, 9, n°1 (jan-jun. 1999), pp. 57-76 (p.58).

<sup>3</sup> María del Carmen Millán-Varela, "(G)alicia in Wonderland: some insights", *Fragmentos*, 9, n°1 (jan-jun. 1999), pp.97-117 (p.102).

<sup>4</sup> María del Carmen Millán-Varela "(G)alicia in Wonderland: some insights", *Fragmentos*, 9, n°1 (jan-jun. 1999), pp.97-117 (p.102).

only other country mentioned, France, seems a million miles away, as perhaps it was to a little Victorian girl. The translation limits itself to putting a Portuguese veneer on the English original, just enough to make it comprehensible in terms of language. Ostensibly, the translation is exclusively linguistic, not cultural.

While the translation seems to make *Alice* readily comprehensible and entertaining to Portuguese children, it is debatable whether it achieves the same mix of familiar and strange that makes *Alice* so beguiling to children. The characters all refer to a reality that is particularly English. The Mad Hatter, the March Hare, the Dormouse, for example, are all part of the English imagination, albeit in part due to *Alice* itself, with their own historical/botanical roots. The use of mercury in the work of Milliners led to many cases of madness, bucks box each other dementedly in spring and dormouse is practically a synonym for a lazy animal. Translated literally into Portuguese, the game of recognition that is such an important component of these characters, and children's entertainment in general, is entirely lost. The same can be said for the verses subverted in the book. These are clever parodies of well-known or overly sanctimonious poems that Victorian children would have had to learn by rote in the schoolroom. Much of the enjoyment of the nonsense verses would come from familiarity with the poems they were inspired by and the uncanniness of seeing them declaimed by Alice to Carroll's motley menagerie. In the Portuguese version, as ingeniously translated as it may be, this falls by the wayside. It is a contentious issue as to whether recognition of context or merely of type is the lowest common denominator necessary for the enjoyment of parodies. The mockery involved in parody is subject not merely to cultural constraints but temporal ones as well and it could well be argued that an English child today would no more recognise some of the verses than his Portuguese counterpart, yet this would be to ignore the spirit of the original. The question is how much translation should be influenced by contemporary readings of the work. Moreover, even if some of the more moralistic poems have long disappeared from the curriculum and the nursery, what child in England wouldn't giggle at "Twinkle, twinkle little bat" and thrill at the shock of the closed t-sound replacing the original floating 'r' of star? In any case, although it seems true that if the parodic aspect of the re-jigged poems is lost, the subversive element is not. For instance, in his parody of Watt's "how doth the little bee", changed to "how doth the little crocodile", Carroll mischievously replaces a paeon to industry

with one to artful sloth. The effect of the poem is skilfully maintained in the Portuguese, with the lazy croc welcoming the fish into its "risonha bocarra"! Indeed the translator always manages to reproduce not only the spirit but, ingeniously, the structure of the poems too.

In Chapter three of *Alice*, after the animals have extricated themselves from the pool of her tears, the mouse offers to tell them a particularly arid tale to dry them off. He then proceeds to rattle off the history of William the Conqueror as though reciting a shopping list. Boring history lessons are exclusive to no one country, but the use of a period of history totally unfamiliar to them could perhaps distance Portuguese children from the text. In fairness, this seems beside the point for the translator, as indicated by the apposite footnotes at the end, which would surely fill in any gaps an adult Portuguese audience might have in their knowledge. These explain various points of English culture and history, and give the model for the verse parodies. For adult readers this provides an invaluable and necessary reference, but for a child this could perhaps prove distracting. After the flood of tears, in accordance with her Victorian mindset, Alice surmises that since she is near the sea, she will be able to find a train to take her home. Although a trip to the seaside by train is by no means exclusively English or Victorian, the seaside environment she envisages and the cultural echoes it produces are. In the Portuguese text, there is a bald rendition of this into Portuguese language. There is no attempt to shift the system of references into a universe recognisable by Portuguese children. Some aspects of Victorian life seem to have been lost in the translation. Instead of her clipped tones in English, Alice has the uninflected speech of a Portuguese child. Some of the charm of the original is thus lost making some of her actions, such as bowing and curtsying, seem anachronistic. The quaintness of the other characters' speech has also been removed. On p. 129 of the Portuguese, for example, instead of asking if Alice takes him for a dunce, the King enquires as to whether she thinks he has "uma cara de parvo". Although this diverges from the original, the King's slip into a popular form of speech adds to the humour of the episode. In the English version, whilst the main characters seem to be speaking with what is received pronunciation, some of the minions and lesser characters are given what seems like Cockney, Irish or yokel accents. This is rendered in Portuguese by giving the character a slurred or popular turn of speech. Portuguese regional accents could have been used but

this would have had a far more regionally-specific effect than the original. The stark differences in speech pattern that denoted, and continue to denote, class in England have not been reproduced. Indeed, it is hard to see how it could have been.

Given that the translator seems to have given herself a remit to reproduce the original as closely as possible in Portuguese, the puns and plays on words have been very well done. At times they even surpass the original, as on p. 38 of the Portuguese when instead of the crab having the patience of an oyster, it is a “caranguejo com a paciência duma santola”, a neat play on words with the idea of having saintly forbearance. Nevertheless, the necessity of finding a Portuguese equivalent whilst sticking closely to the original does give rise to a number of perceived “continuity errors”, even if only in spirit. For instance, when Alice goes to the Red Queen’s garden party, each suit of cards discharges a different function: “hearts” the royal family, “clubs” the royal guard, “spades” the royal gardeners, and “diamonds” the courtiers. Each suit bespeaks its role. In the Portuguese version “copas” are the royal family, “espadas” are the gardeners, “paus” are the guards and “ouros” are the courtiers. The logical link is broken in the case of the “espadas” (“swords” in Portuguese) being the gardeners. Perhaps it could have been rephrased to fit better, but the preservation of the illustrations would have hamstrung this. In any case, this shows the difficulties inherent in maintaining illustrations across translations. It has been said that Tenniel’s illustrations are indissociable from *Alice* as a work, rather than a mere text. Indeed, his illustrations were produced in close collaboration with Carroll. Carroll and Tenniel could therefore be considered joint authors of the *Alice* that exists in England’s collective culture, somewhat in the manner of the graphic novel tandem of writer and artist. It cannot be denied that images of *Alice*, such as the Mad Hatter with his poking-out price label, are fundamental to our conception of the characters. This, however, is problematic for translators because some images are tied to words and their meanings (such as suits of cards) and the translation, to work with the illustrations, has to connect with them in the same way, narrowing the compass of what can be done with it.

Sometimes the translator seems to become caught between her impulse to make the book understandable to Portuguese readers and her desire to recreate the original faithfully. This is exemplified by the weights and measures used in the book. Although a compromise seems to have been gingerly reached by

using continental kilometres and English sterling, when Alice finds herself transported to the Ewe's shop in Chapter five of *Through the Looking Glass* she finds eggs on sale for "tostões e centavos" (p. 228). This shuttling between cultures when it is expedient to neat translation seems to follow on from the approach adopted in Margarida Vale de Gato's translation of Tim Burton's *The Melancholy Death of Oyster Boy*, wherein a very American universe gives way to Portuguese references when these produce a neater translation.<sup>5</sup> Although the shift jars somewhat, it does seem to suit the context better as, in this episode, money is not an abstract measurement but a physical reality. Furthermore, due to the simple fact of the translation being in Portuguese, the Portuguese cultural universe begins to seep into *Alice*. This is perhaps ineluctable, but if a literal translation is the general aim this subverts the purpose. For instance, with the rag-tag assortment of birds that Alice meets in Chapter two, in Portuguese "dodo" becomes "dodó", an animal seemingly absent from the Portuguese imagination as it requires an explanatory end-note, while the non-regionally specific "lory" becomes an "arara", the Brazilian name for the bird. In longer passages of whimsy, departing from the original without totally abandoning it also causes errors in continuity. In Chapter ten, the Gryphon informs Alice that whiting are so called because they clean shoes under the sea (as opposed to blacking on land). When Alice curiously inquires what they are made of, she is peremptorily told "of soles and eels" (p. 102). In the Portuguese, the whiting/blacking joke is very well replaced by one about "pescada" and its name deriving from the fact that "antes de ser já o era". After this however the translation snaps back towards the original, with the Gryphon informing Alice that whiting wear shoes made of "solhas e pregados" (p. 118). It is a clever rendition, and amusing in Portuguese, but it just doesn't follow on like the English, where the punning is all based on vocabulary relating to footwear, giving the puns a crescendo effect which heightens the humour.

*Alice* is considered a masterpiece in English for its punning, and it is perhaps inevitable that the Portuguese translation lags behind somewhat in maintaining the same logical focus as the English. The best example of this is in Chapter eight, when Alice meets the mock turtle ("Tartaruga fingida" — which gives no

---

<sup>5</sup> Tim Burton, *A Morte Melancólica do Rapaz Ostra e Outras Estórias*. Translated by Margarida Vale do Gato, Lisbon: Cartonado, 2000.



indication of the play on words and the connection to a well-known dish in England — necessitating another end-note). The Portuguese translation just cannot keep pace with the sheer whimsy of the subjects and the masters at the Mock Turtle's sea-school. As it attempts to keep in step with the English language, one or two very good translations are found but then it disappointingly loses its way. The anecdote about drawling with the drawling-master, an old conger eel that taught drawling, stretching and fainting in coils, is a prime example. It is wonderfully self-contained in English each activity befitting a long twisting eel whilst echoing the art classes *Alice* readers were probably taught, but in Portuguese “o professor era um congro... ensinava-nos Despenho, Destroço e Tintura a carvão” (p. 111) does not have the same impact. The subject equivalents are well found, but the link with the teacher is cut. As a play on words on the Portuguese equivalents of the English, the translation is very clever and surely amusing for children as they would still recognise the school subjects referred to, but it pales in comparison with the original.

The translation seems more satisfactory as a stand-alone work when it eschews following the English too closely and strikes out on its own. The rendition of “Jabberwocky”, using mock Galician-Portuguese in place of the original's pseudo Anglo-Saxonisms is a good example of this. Also, although in this instance there is little else that could have been done with this passage, it shows how other parts of *Alice* could have been re-sourced in a Portuguese universe to great effect. Mixing and matching syllables to create neologisms as in the original (a tall order, given that some are still in use today), “Rarrazoado” also employs the hallmarks of old Portuguese in a way that would be familiar to anyone who had studied it, however summarily. The “en”s, “ll”s, “cô”s and “y”s really achieve the same effect as the “thou”s and “twas”s of the original without slavishly following it, though they draw on different linguistic categories. The one cavil with this is, as *Alice* says, “houve pelo menos alguém que matou outra pessoa”. “Jabberwocky” follows the general pattern of an Anglo-Saxon heroic poem such as *Beowulf*. The hero, alone, slays the monster before returning home to a rapturous welcome and the poem ends with its beginning. This isn't really the stuff of Galician-Portuguese *cantigas*.

One of the drawbacks of the angle of attack used by the translator is that the original meaning is leached, whilst little

new material is brought in to make up the deficit. This is shown in the episode in Chapter three of *Through the Looking Glass* when the gnat explains the names of all the insects to Alice. The Portuguese translation replicates the meaning of the English, but loses its humour. The opposing poles of the English cultural original and the cultural weight of the Portuguese language shows through with the description of the “Snapdragon fly”. In Portuguese it is called the “louva-a-deus-que-lá-vou-eu”. It is a poor equivalent, especially with Tenniel’s illustration depicting an insect that is anything but a praying-mantis. Its body is made of “pudim de ameixa” which elsewhere has been replaced by “bolo de bolacha” (and the literal translation wouldn’t suggest the English dessert to a Portuguese reader). And the fact that his head is a raisin burning in brandy is explained by an end-note referring to the English Christmas tradition. Its habits, however, have been acculturated as it no longer nests in a Christmas box, nor eats mince pies and frumenty. The Portuguese version now sleeps in a sock on the hearth and lives off “rabanadas e bolo-rei”, staples of any Portuguese Christmas. This jars because it seems out of kilter with the overall purpose of the translation, and illustrates the pitfalls of trying to be English in Portuguese.

In short, as a faithful translation “*Alice no País das Maravilhas e Alice do Outro Lado do Espelho*” is generally ingeniously done and would be difficult to improve on, though the informed reader might occasionally quibble. When one looks at a translation, two general, and discrete, questions usually arise: is the translation good? And is the work itself good? Margarida Vale de Gato’s translation seems to answer both these cogently. What perhaps it may not do is to cement *Alice* as a children’s favourite in Portugal, which, despite its philosophical, linguistic and theological complexities, is what gives *Alice* the prominence it enjoys in England today. This aim would perhaps have been better served by a looser adaptation of the original. But, in any case, as an attempt to retextualise Lewis Carroll’s original in Portuguese, *Alice* represents an intellectual feat of no mean distinction, on a par with Vale do Gato excellent translation of Christina Rossetti’s *Goblin Market and Other Poems*.<sup>6</sup> This was a bilingual edition and such an editorial choice would perhaps have been beneficial to this edition.

---

<sup>6</sup> Christina Rossetti, *O Mercado dos Duendes e Outros Poemas*. Translated by Margarida Vale do Gato. Lisboa: Relógio d’Água, 2001.

## References

- Tim Burton, *A Morte Melancólica do Rapaz Ostra e Outras Estórias*. Translated by Margarida Vale do Gato. Lisbon: Cartonado, 2000.
- Lewis Carroll, *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Alice do Outro Lado do Espelho*. Translated by Margarida Vale do Gato. Lisbon: Relógio d'Água, 2000.
- Lewis Carroll, *Alice's Adventures in Wonderland and Alice through the Looking Glass*. Oxford World Classics; 1998.
- Patricia Odber de Baubeta (ed) *Alice in Translation: A Homage to Lewis Carroll. Fragmentos*. Revista de Língua e Literatura Estrangeiras. Universidade Federal de Santa Catarina. Volume 9, n° 1 (jan-jun. 1999).
- Cristina Rossetti, *O Mercado dos Duendes e Outros Poemas*. Translated by Margarida Vale do Gato. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.









